

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
NÚMERO 90

Lisboa. 16 de Setembro de 1929
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Única colecção do género existente em língua portuguesa, e tão proficientemente organizada como as melhores que existem no estrangeiro, ela abrange tôdas as artes e officios. O seu último volume posto à venda é o intitulado

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE

de que é autor o ilustre prof. e pintor J. RIBEIRO CRISTINO
DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras,
encadernado em percalina, 40\$00

A SAIR, DENTRO DE POUCAS SEMANAS:

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, muito melhorada e com mais gravuras do que a 1.ª,
cuja larga tiragem se exgotou em pouco tempo

A SEGUIR, ANTES DO COMEÇO DO ANO ESCOLAR:

FÍSICA ELEMENTAR

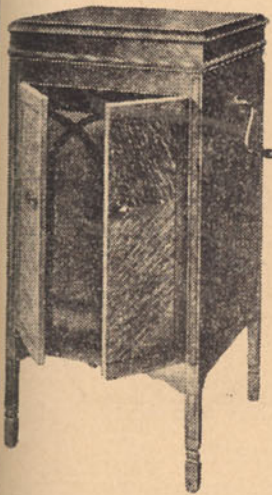
pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo o programa
das Escolas Industriais

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 = LISBOA

OS BÉBÉS "NESTLÉ"



TRÊS IRMÃOSINHOS GEMEOS ALIMENTADOS
COM LEITE CONDENSADO E FARINHA **NESTLÉ**



GRAMOFONES "His Master's Voice"

A MARCA QUE SE IMPÕE EM TODO O MUNDO!

OS APARELHOS MAIS COMPLETOS
E APERFEIÇOADOS

MECANICA IMPECAVEL

PRECIZÃO DE FUNCIONAMENTO

NITIDEZ DE SONORIDADE

Os gramofones «HIS MASTER'S VOICE», nos seus 12 modelos — desde o AMPLIFICADOR ELE-
CTRICO até ao simples PORTATIL — são o verdadeiro espelho do som

AGENTES EXCLUSIVOS:

GRANDE BAZAR DO PORTO

LISBOA — R. Augusta, 150-152
PORTO — R. St.^a Catarina, 192-198



CONSELHO DE AMIGO



V. Exa que tem a pele fina e a barba dura, sirva-se todos os dias do sabão para barba de GELLÉ FRÈRES, PARIS.

Faz muita espuma, não seca sobre a pele e deixa depois da barba uma agradável sensação de frescura.

Barbear-se com o sabão de GELLÉ FRÈRES tornase um versadeiro prazer.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C.ª Lda 119, RUA DA MADALENA LISBOA



*Até as Creanças
Tomam com Agrado.*

Que comédia, ou antes, que tragedia para fazer as creanças tomar qualquer purgante de sabor desagradavel! Os saes de fructa "Eno" não lhes inspira a menor repugnancia, gostando até do seu sabor espumoso e refrigerante

O ENO é um laxativo efervescente tão inofensivo quanto eficaz; abre o apetite e facilita, sem violencia, o bom estado, do intestino, condição essencial á saúde.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C.º LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o retulo, são marcas da fabrica registadas.

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



**CHRYSLER!!! FARGO!!!
PLYMOUTH!!!**

NOVA ORIENTAÇÃO COMERCIAL!!! NOVAS TABELAS DE PREÇOS!!!

Organização inteiramente remodelada que permite importantes reduções pelo recebimento directo dos veículos do seu ponto de origem

PROCURAM-SE AGENTES PARA A PROVINCIA

CHRYSLER! O melhor automóvel, o mais perfeito, o que tem servido de cópia a todos os outros.

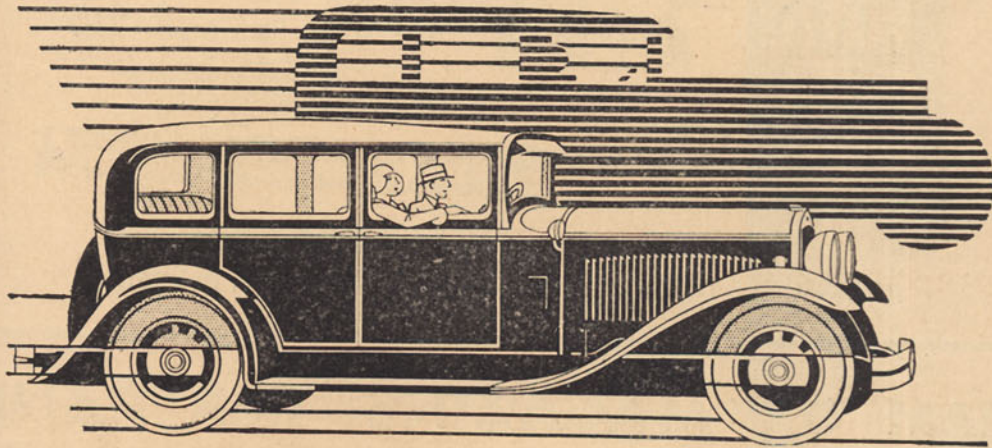
PLYMOUTH! O carro de 4 cil. utilitário, mais vantajoso pelo seu preço, o mais cómodo, o mais económico e o mais resistente.

FARGO! A camionette para 1.500 kg. mais completa que até hoje appareceu no mercado: 6 cil., 4 velocidades, motor equilibrado, chassis resistente e forte, travões hidráulicos ás 4 rodas, filtros de óleo e gasolina, tôdas as características de um carro moderno por um preço sem competência.

Pedir todos os esclarecimentos ao Agente Geral em PORTUGAL:

A. BEAUVALET - Rua 1.º de Dezembro, 137 - LISBOA
A CASA DE AUTOMÓVEIS MAIS ANTIGA DO PAÍS!!!

SILENCIOSO COMO A SOMBRA QUE PASSA



O CARRO DE CARROSSERIE INTEIRICA

Dodge Brothers não se contentou em construir um chassis incomparavel quanto a suavidade e silencio. Um potente motor de 6 cilindros, com cambota torneada e apoiada em sete chumaceiras; carretos de dentes largos, evitando qualquer ruido na caixa de velocidades.

Mas, não era isto suficiente. Dodge Brothers creou ainda um novo tipo de carrosserie — sem juntas e sem ruidos. Ligada directamente ao chassis, dá a este uma maior estabilidade e extraordinaria resistencia. Uma carrosserie bastante espaçosa, que não estremece, nem mesmo a velocidade de 115 quilometros por hora. Uma carrosserie inteiriça, sem nada que se desconjunte, e que milhares e milhares de quilometros, das piores estradas, não conseguem tornar barulhenta.

EXPERIMENTE



Veja o novo Dodge Brothers Seis, um carro mais espaçoso, mais silencioso e mais resistente de que qualquer outro carro da sua categoria. Venha conduzi-lo hoje mesmo.

DODGE BROTHERS

SEIS

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN



Depositários gerais para Portugal e Colónias:
 ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8 — LISBOA

LEIAM O «MAGAZINE BERTRAND»

SAIU O NUMERO DE SETEMBRO

O excesso de ácido úrico é perigoso para todos, porque provoca um envenenamento do sangue. É o principal causador do Artrismo. É uma verdadeira grilheta que se pôde arrastar toda a vida. O tratamento mais eficaz, fácil e económico consiste em usar sempre a água preparada com

Lithinés du Dr Gustin

É o melhor regime a seguir, por sãos e doentes, para se preservarem das afecções produzidas pelo excesso de ácido úrico, como:

Reumatismo, gôta, calculos, colicas nefríticas e hepáticas, sciática, diabetes, etc.

Sómente por esta forma se evitará o envenenamento urático e suas consequências.

**Acido
urico**



Não confundir com as imitações.

MILHARES DE MULHERES

que ostentam a elegância e beleza do seu BUSTO, devem-a ao uso do FILOCOL que tem a propriedade de tornar o PEITO proporcional à estatura da mulher.

O FILOCOL n.º 1 desenvolve o SEIO atrofiado e pequeno, o FILOCOL n.º 2 endurece-o, tornando-o firme e esférico, e o FILOCOL n.º 3 diminui o SEIO excessivo. Preço do n.º 1 ou do n.º 2: Esc. 25\$00; pelo correio 26\$00. Preço do n.º 3: Esc. 30\$00, pelo correio 32\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente com benefício para a saúde. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

DEPÓSITO: FARMACIA NOVAIS
 Avenida Luís Bivar, 11 e 13 — LISBOA

GUSMÃO LIMITADA

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS GRÁFICOS
 GRANDE STOCK DE TINTAS DE IMPRESSÃO
 DA CASA KAST & EHINGER

MAQUINAS,
 MASSA PARA ROLOS, ETC.

Agentes das principais casas de papel da Alemanha

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

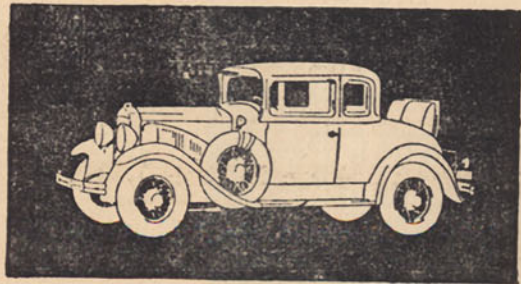
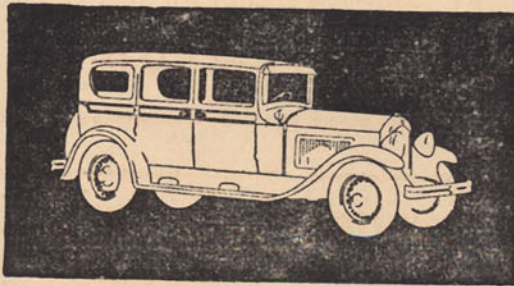
REO*

**Durante 25 anos só tem
construido automoveis
de alta qualidade**



Durante 25 anos REO tem sido a casa que mais se tem preocupado em aperfeiçoar a sua produção. Muitos dos melhoramentos introduzidos por REO foram depois adotados por outros fabricantes

Os engenheiros das fabricas REO não tem aceite as novidades e teorias sem primeiro as comprovar, e o



resultado tem sido que nunca houve de retirar um modelo por não ter merecido a aprovação do publico.

Não é pois, de extranhar que os carros desta marca gozem de justa e merecida fama pela sua alta qualidade, admiravel funcionamento e enorme duração.

**REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY e actual Presidente do Conselho de Direcção da dita firma*

CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 - TELF N. 769 (PBX) - LISBOA





**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Está publicado o fascículo XII, completando o

I VOLUME

desta grandiosa obra e contendo o INDICE,

CAPAS DE BROCHURA ESPECIAIS,

ROSTO e ANTE-ROSTO do 1.º volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 MESES	6 MESES	1 ANO
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	30\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNEIAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
RUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
Joaquim de Carvalho, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
Joaquim Leitão, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camõesianos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTRA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

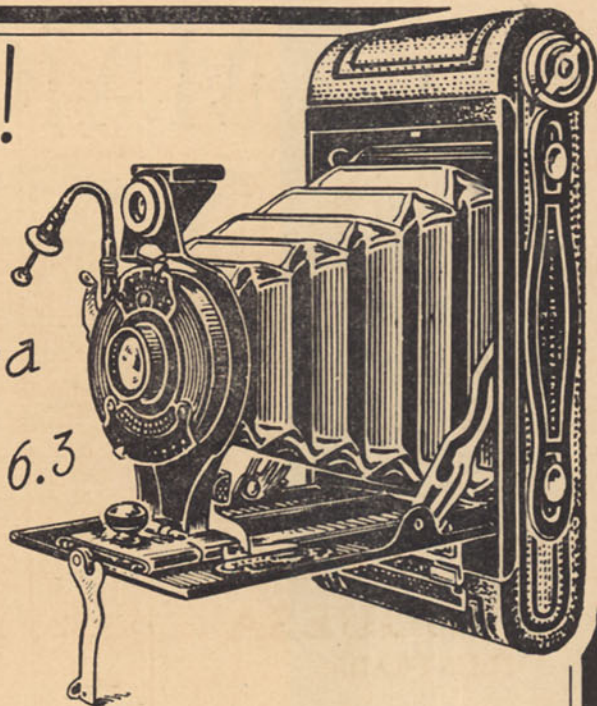
CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Por 280\$00!
 um "Kodak"
 com verdadeira
 anastigmática f. 6.3



V. Ex.^a deseja levar convosco para férias, um aparelho fotográfico, cómodo, pratico e simples e que, sendo pouco dispendioso, possua uma objectiva de bastante luminosidade para fixar, com perfeita nitidês, todo o encanto das horas maravilhosas que ides viver

"Kodak Hawk-Eye"

com objectiva verdadeira anastigmática f. 6.3

é o aparelho que corresponde exactamente aos vossos desejos. A sua objectiva, tão penetrante como os olhos do falcão, munida dum obturador de precisão "Kodex", a solidez dos seus orgãos, a sua especial facilidade de manejo, tudo vos garante que, com ele, nenhuma das vossas fotografias será perdida.

"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva acromática . . .	220\$00
"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva rápida rectilínea	250\$00
"Kodak Hawk-Eye", 6×9 cms., com objectiva anastigmática f. 6.3	280\$00

Uma nota importante

V. Ex.^a pode adquirir um "Kodak", pagando-o em dez prestações mensais, o que vos permitirá escolher um melhor modelo. Dirija-se à casa de artigos fotográficos mais próxima e peça detalhes sobre a maneira de aproveitar as vantagens do Sistema "Kodak", de Vendas a Prestações.

Película "Kodak,"

Para terdes a certeza de obter bons resultados deveis usar sempre Película "Kodak," — na sua conhecida caixa amarela

Papel "Velox,"

Exija sempre que as vossas provas sejam impressas em "Velox", o papel expressamente fabricado para trabalhos de amator.

Kodak, Limited — Rua Garrett, 33 — LISBOA

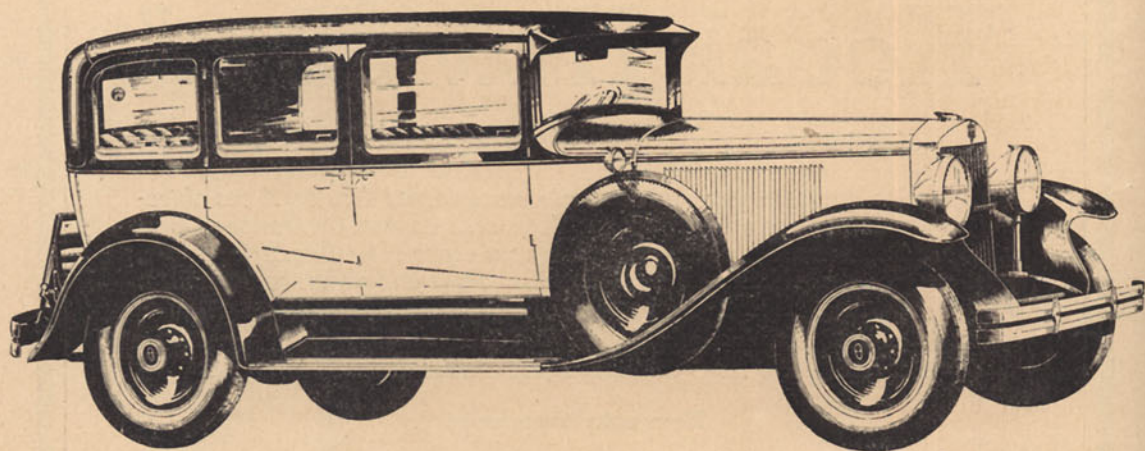
AINDA MAIOR VALOR



A Graham-Paige oferece uma variedade de tipos de carroçerie, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco chassis diferentes, de seis e de oito cilindros—a preços diversos

O novo Graham-Paige 612 é maior, mais lindo, mais possante e, cremos, representa um valor ainda maior que o modelo precedente — o carro de seis cilindros que atraiu durante 1928 um maior numero de compradores do que qualquer outro modelo nos dezanove anos da historia da companhia. Convidamos a V. Ex.^a para examinar este maravilhoso carro em cada detalhe e obter uma demonstração pratica.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



SEDAN MODELO 827 PARA CINCO PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA—Salão de Exposição e Serviço, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel.—(P. B. X.) N-2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA}—129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cefflio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procissão)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 90

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

16 DE SETEMBRO DE 1929

JAZZ

BAND



Primo... alentejo das fer-
mas lizes e do sul
arvoreto... Edeza...

Nereides esbeltas e um tritão, o
bailhinho Francis, dançando ao
sol... sobre a areia fofa...

Ritmo...
elegan-
cia...

...um solinho esbelto
sob as rochas...

(Fotos
Salazar
Dinis)



CRONICA DA QUINZENA



Dum moço de boa família e boas letras, que, pelo gosto da aventura, desertou a casa paterna, ouvi estes trechos de odisséia ao chegar há dias a França:

«Prenderam-no como anarquista na fronteira e, mercê das boas graças dum aguzil que lhe apalpen o bôiso, restituíram-no condicionalmente à liberdade. Até chegar o passaporte, foi-lhe dada por menagem a *fonda* do Manolo, cheia de moscas e de *carabineiros*. Ali aboloreceu dois longos meses à espera do documento que, com intenção amical lhe embargavam na sua terra, consumindo consigo e com o amigo o pecúlio que trouxera. Dirigido por conselhos daquele, quando já não podia pagar mais ceias e copitos, encontrou-se uma tarde de Julho, a marchar para lá do primeiro *pueblo*, em caminho deserto, interminável, sem árvore nem fonte, riscado num saibro sanguíneo e quente como lava. A sua espádua, ficava a terra ondulosa e vestida de verde sob um céu azul e flúido — a sua terra. Diante, estendia-se a planura rasa, cega a fitar os fugazes horizontes, da cor do ocre, restolho ou ilhéu de seara, sob a tremulina diabólica da canícula — a terra castelhana. Mas fechou os olhos, conaçado em sua alma contra tudo o que não fosse a estrela interior que o guiava.

Arredando-se cada vez mais do itinerário internacional, tamborilava-lhe com o rijo sol o sangue nas temporas tumefactas, e a boca, na concreção da sede, era uma coisa fétida, coriácea, insuportável, a corroer e a martelar. As duas bandais, na trabizana das ceifas, via reluzir o lume das foices e as vestes brancas dos segadores. Vontade teve de se dirigir a um dos ranchos a pedir uma gota de água, a água que nunca faltava nos andurriais da sua província, a cantar na boca de pedra, ou a correr mansa, meio sonâmbula, das fontes, entre rochedos. Mas a sua cobardia perante o mundo desconhecido que há no homem, nos costumes, nas coisas da terra estrangeira, reprimiu-o, caminhando mais além.

Quando, depois de grande tortura, chegou a uma aldeia, destas enormes aldeias castelhanas, de balbúrdia e de silêncio intercadentes, com a igreja ao alto, tão monstruosa que as casas, de longe, parecem ajoelhadas em redor, estirou-se como morto à sombra duma parede. Por ele passaram labrestes de figura velazquenha, sécos, de brilhante e rápido olhar, mulheres da jorna, caídas dum retábulo das alminhas do Purgatório, chicos tisanados, tagarelas e pinhões. E ninguém se importou com o monte de dor e de idealidade, a rastos na terra nua. As moças que voltavam de cântaro à cabeça pediu uma sede de água e, ao contrário da usança bíblica da sua terra, lha negaram, apontando com gesto expedito na direcção do poço.

— *Vaya usted allá!*

Mas baixou a tarde, arrefeceu o ar, de tempos a tempos trazido nas refegas do vento, como baforadas dum forno, o hálito adusto da planura. Na taberna, a matar a fome e a sede, gastou a moeda de trocos de que se não aproveitara o mentor. Não davam para a dormida as *pernas* restantes e, cabisbaixo, se foi dali.

Ontra vez se viu sôzinho entre céu e descampado. Quando o luaceiro do *pueblo* se fundiu com as tintas do escurecer, quando os rumores se desvaneceram de todo na lonjura recorrida, sentou-se na ribanceira do caminho.

Quebrantado do corpo, mas resolutivo de ânimo, muito tempo esteve a seismar. Quando ergueu os olhos, o céu tinha enflorido; e de lés a lés, o livor síldreo envolvia a terra, e nos lon-

ges, nas linhas dos trólios, na mais leve bossa do solo, na condensação visual do ar, tódas as formas se erguiam e apagavam. De repente, a doçura inebriante, indizível que sentia, definiu-se. Eram os aromas, os mil aromas da estepe que, ao bafo noturno, se erguiam voláteis das touceiras queimadas pelo sol, e boiando, o penetravam numa ablução voluptuosa. Desata-vam-se de todos os arbustos humildes, escapos à foice, ou medrando à leira dos comoros, o codeço, o rosmarinho, a vela-luz, a lavanda, a luzerna, a anemona silvestre, o mentrasto, como de poros secretos, luxuriosos, da terra áspera. Mas sobre a deleitação paradisíaca dos perfumes, um ralo começou a solfejar magoada cantilena. Solfejon, e ouviu-lo foi-lhe grato como senha de simpatia universal de vivente para vivente. Por cima da toadilha, da suspensão aluvial dos bálsamos vegetais, o silêncio esposava a terra sob o velário das sombras. Era a noite, a noite sensual e profunda da planície castelhana, cantada por Frei Luís de León.

Quando despertou, encruitava a calhadra no restolhal. Caía um rocío muito fino e álgido e transmudava para violeta o calor da luz. Estava a romper a alba e, pegando do saquitel, e batendo os pés entorpecidos, se pôs a caminho, mais além.

A impressão que lhe câusou ouvir os seus passos, cortando a imponderável mudez, foi-lhe estranha e azongadora. Onvia-os, como se estivesse fora de si próprio e pareciam-lhe destituídos de sentido, sem conexão com um corpo humano em marcha. Tinham, além disso, o seu quê de absurdo e contranatural na absorta e misteriosa planície. Eram um desafio à terra, áquele cadáver de terra, sem um arrião nem uma sombra. Projectavam-se num ritmo discorde, e a sua bulha soava falso na nave circunferente, adormecida. Não eram próprios daquelas ravinas, abertas pelos aguaceiros e pelos carros góticos, nem daquele barro ensangüentado, retráctil a tudo o que não seja casco de mar e tamanco de brocha. E, ainda fora de si, como charro em seu bardo ou bufarinhoiro puxando o jumento por atalho paralelo, se dizia:

— Ali vai desgarrado.

Mas no firmamento foram desfalecendo as estrelas, esvaindo-se os incensos, rareficando-se, e viu galgar por cima d'ele, como rebanhos de cabras bravas, a galope para os confins do plano, os balcões negros da noite. A implacável horizontalidade da terra foi-se alargando em sua amarelidade e secura. Também ali nos ermos o dilúvio da manhã entornava suas represas de assucenas e cravos brancos, e a terra alvorecia como uma noiva. Por cima dele passaram corvos granando e figurou-se ouvir-lhes dizer, guturais e soberbos:

— Castela! Castela!

De facto trilhava o chão de Castela, onde não quedou romano, nem godo, nem moiro, inquebrantável o fero homem, como certas ervas maninhas que, pisadas, mal se levanta o pé, se endireitam logo. Semente de cão e lobo, ali medrou a cêpa mais agreste do género humano, para glória dos céus e dos infernos. Nada a abalou, a alma cavada pelo vento, pelo sol, pela

neve, em rugas fundas, mais vinculada à terra que a rocha dura.

Levado, tupa que tupa, na sua febre, repentinamente ouviu atrás de si uma gemebunda *pláyer*. Voltou-se: era um homem que vinha tropicando no burrião e a cantar. Pequeno e redondo, quasi escondido pelas orelhas descomuns do azemel, só Sancho Pança voltando elegiamente da Ilha de Barataria, rasgada a carta de realza. Mas o homem, sentindo deserta a atenção do caminheiro e alvoreçada, porventura, a imaginação trágica, calou a cantiga e encostou o asno para a rampa, afrouxando-lhe o trote. E, as órbitas negras de moiro a nadar em branca de ovo, todo em guarda, picou à frente.

Numa taseca propôs a venda do relógio que levava e era de prata. Abanou a cabeça o taberneiro, desconfiado. Mas, ouvindo-lhe o tieste esperto, vendo-lhe os algarismos barrando de sable o campo branco, admirando o potteirinho dos segundos a rodar facetado como um gnomo, de engenho trivial, traduzindo contudo uma civilização e contendo o seu quê de maravilha para olhos leigos, o homem se deixou tentar.

Comeu e beben, e fiado na atagem enganosa se pôs a caminho, mais além.

Sentiu depressa a mordedura do sol e, a fugir-lhe, estingou o passo. Diante d'ele desdobrava-se a campina invariável, monótona, mais direita que a palma da mão, cortada pelo macadame como por um gilvaz. Nem fôlha, nem lume de água. Mas a todos os pontos do horizonte erguiam-se os rolheiros de trigo como zim-bórios dourados. Ranchos de segadores abatiam os últimos retalhos da messe, e seus esperepamentos claros punham efusivo alvoreço na terra siderada. Pontuando efusivamente a paisagem, áqueles morriços de palha tinham a magnanimidade de dar sombra, mimo raro nos trilhos de Castela.

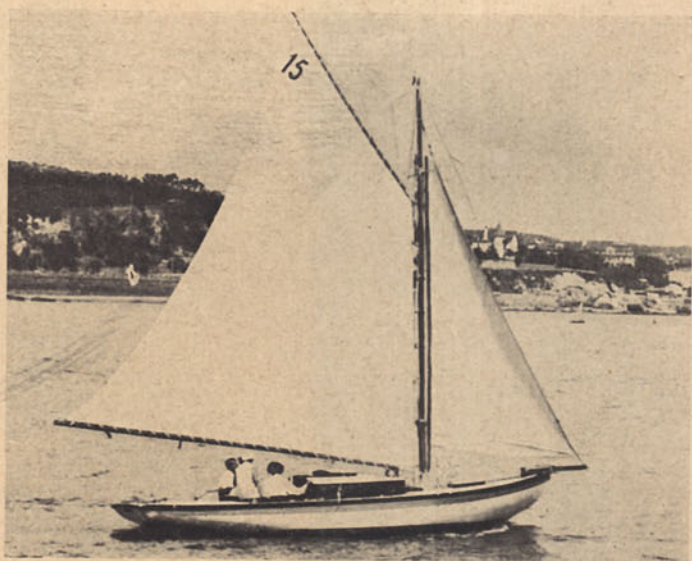
A roda do meio dia, em sítio onde não havia gente e reinava a paz inconsútil dum mundo morto, acolheu-se a uma dessas sombras providenciais a repousar. Sob a braza da canícula vibrava o ar, muito branco e ágil como chama de álcool; ao largo, para lá do mar de fogo do primeiro círculo visual, havia um mar de sinopla e cinza, até a confusão de céu e terra num fuminho laço. Fera a vista o espelho ofuscante dos horizontes e, fechando as pálpebras, o ouvido ocioso sentia o reclinhar das paveias, as convulsões sedimentares do humus, e perdida, agónica, como um suspiro, a cantilena duma cigarra. E a voz flebil fê-lo reportar à terra portuguesa, com a poupa, o cuco e o marantê, dentre os carvalhais, a cantar jovialmente sobre a calvaria brava. E da contemplação deliciosa, resvalou num reconfortante quieto sono.

Ainda o sol da tarde abraçava, meteu-se novamente a caminho. De rota batida, indiferente ao panorama sempre o mesmo — rolheiros cónicos em um redondo, planura estiolada, horizontes sequiosos — marchou, marchou, vergado, olhos em terra, como se motor invisível fosse à frente a puxar-lhe o cadáver. E nessa noite deu-se o regalo duma enxada depois de ceiar um prato de gravações e meia garrafa de vinho.

Ainda os galos não tinham salvado à madrugada, já ia povo fora tropeçando. Estava ansioso por sair daquele inferno e punha raiva e denso em caminhar. E o seu drama, nos dias seguintes, repetiu-se invariável, monótono, um passo igual a outro passo, como a própria natureza castelhana.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES



Nas regatas de Cascais.—«Vega» do dr. Frederico de La Cerda Costa Pinto, correndo NO OVAL DE BAIXO:—O «Baile das Bonecas», nas Caldas da Rainha, em favor do Hospital Rainha D. Leonor.—Um grupo de gentis senhoras e o traje premiado (x) pelo júri

NO OVAL DE CIMA:—«The White», o famoso barco de Ernesto de Mendonça, correndo nas regatas de Cascais na Classe Internacional de 7 metros.

EM BAIXO, à esquerda:—O sr. ministro da Marinha no egasolinas que o construiu no Arsenal do Alfeite onde foi inspeccionar as gigantescas obras

EM BAIXO, à direita:—O sr. ministro da Marinha e comandante Saavedra, percorrendo, em volta, a área das obras que hão de erigir no Alfeite um dos maiores arsenais da Península



FACTOS DA QUINZENA



A ESQUERDA: — A bordo do «Desirade», a caminho do Brasil, as agentas evadetas Beatriz Costa e Maria Odeite posam num «candusso» para os leitores da Ilustração

(Foto Salazar Diniz)

A DIREITA: — Pic-nic realizado ultimamente na Serra do Alvito pelas melhores famílias de Alvito e Vila Nova da Baronia

(Foto F. M. Fialho)

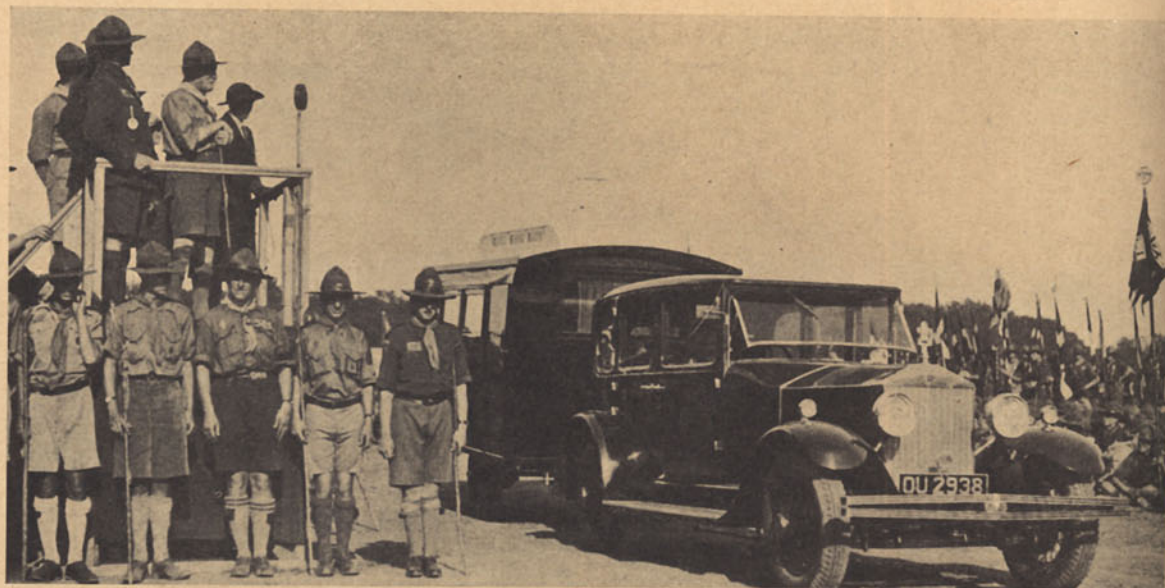


Na II Exposição Agrícola, Industrial e Pecuária de Sintra. — O senhor Presidente da República à saída do almoço de inauguração acompanhado dos elementos oficiais

(Foto T. de Carvalho)



Casamento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Olga Penaforte Cardoso e do sr. engenheiro Lúcio Mercês de Melo, realizado na igreja de S. Sebastião da Pedreira. — Os noivos saindo da igreja

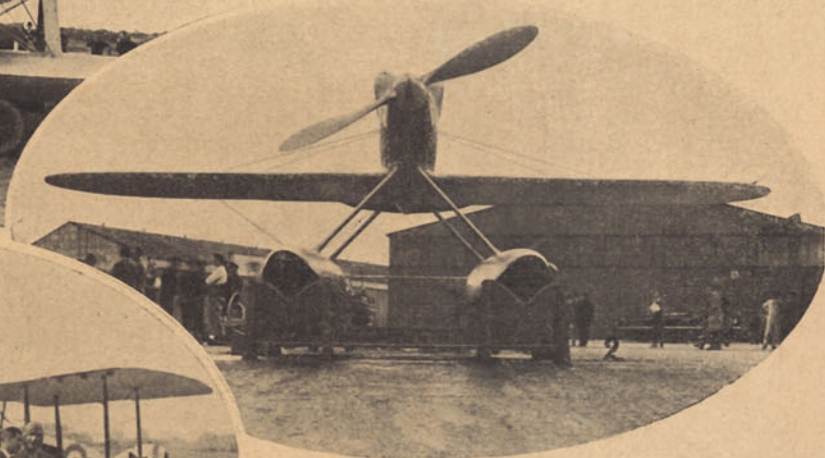
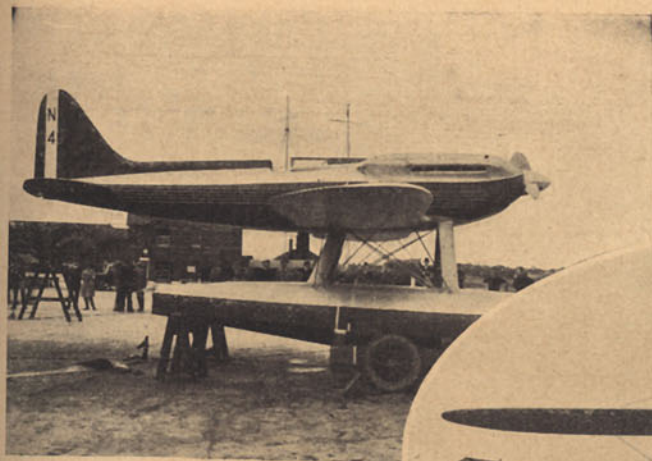


No «Jamboree» internacional de Escotismo. — O general Baden Powell (na tribuna), presenciando o desfile de viaturas «Rolls-Royce». Os escoteiros da guarda de honra são portugueses

(Foto Fox)

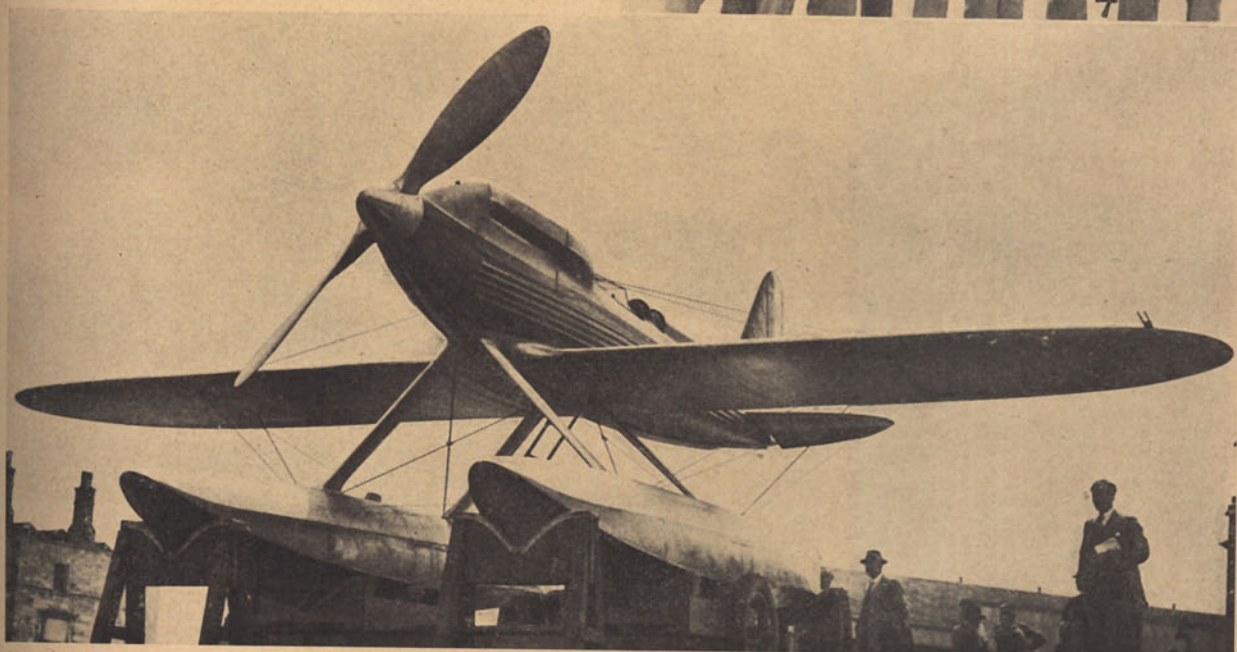
A TAÇA "SCHNEIDER,"

Efectuou-se, no passado dia 7, a disputa da taça «Schneider», o mais valioso troféu mundial da aviação. Os italianos e os subditos de Jorge V disputaram rijamente a competição, mas coube à



Inglaterra e aos motores «Rolls-Royce» a vitória retumbante. As nossas fotos, inteiramente inéditas e exclusivas, representam :

1—O gigantesco super-hidro britânico «S. 6», com motor «Rolls-Royce», que ganhou a taça. 2—O príncipe de Gales, com o comandante da «equipa» inglesa, logo após a chegada ao campo, dirige-se aos aparelhos que vão disputar a taça. 3—O grupo de oficiais aviadores que representou a Inglaterra. O primeiro da esquerda é o avião Waglin que ganhou o certame. Ao centro o chefe da «equipa». 4—O gigantesco super-hidro «Rolls-Royce» S. 6, preparado para o voo em que ganhou a taça «Schneider» à velocidade de 328,3 milhas por hora. Nos vãos de ensaio conseguiram estes aparelhos perto de 600 quilómetros à hora, em seia, de Lisboa a Cascais em 2 minutos e 18,1...
(Fotos Fox-London).



UMA GRANDE INDUSTRIA EUROPEIA

A ACTIVIDADE DA "FIAT,"



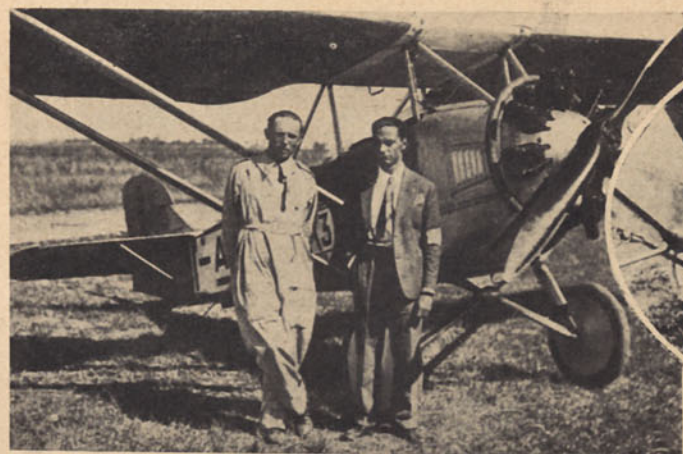
Por ocasião da beatificação de «Dom Bosco», reuniram-se em Turim, três cardeais, setenta arcebispos e bispos, e cerca de cem missionários e eclesiásticos vindos de todas as partes da Itália e do mundo inteiro. Esta ilustre pleiade de altos dignitários da Igreja visitou todas as instalações das fábricas Fiat utilizando cerca de cinquenta automóveis que a direcção da Fiat pôs gentilmente à sua disposição. É a primeira vez que um grande estabelecimento industrial é visitado por um tão numeroso grupo de altos dignitários eclesiásticos, falando as mais diversas



NO OVAL, de cima: — Uma fotografia histórica: O Duce S. E. Mussolini acenando-se da sua «Fiat» 524, junto do Vaticano, para pagar ao Saneio Pontificio a sua primeira visita oficial.
NO OVAL, de direita: — O duque e a duquesa de Aosta (Amadeu de Saboia-Aosta,



línguas. Os ilustres hóspedes assistiram na pista aérea que ocupa toda a superfície das instalações da Fiat, à prova de ensaio de cerca de cem automóveis recém-saldos das oficinas, tendo visitado todos as fábricas Fiat em plena laboração. As nossas fotos representam: Em cima: — O desfile de prova, na pista aérea da Fiat dos carros recém-saldos das oficinas. À direita: — O cortejo dos cinquenta automóveis transportando através das oficinas da Fiat os ilustres visitantes, cardeais e monsenhores.



filho do duque de Aosta e a sua esposa, a princesa Ana de França) dão aos italianos o bom exemplo do voo. Filhos no seu «A. S. 1», no campo de Aeronáutica de Itália (Fiat), depois de um breve voo de prazer, no aparelho sportivo «Fiat», os dois grandes aviadores ficaram maravilhados com a grandiosidade dos estabelecimentos «Fiat» e da sua organização técnica, tendo declarado achar-se em frente de uma obra maravilhosa. A fotografia mostra os dois aviadores William e Yancey no momento de ingressarem no palácio da «Fiat», acompanhados pela direcção da fábrica e por oficiais da aviação italiana.
EM BAIXO, à esquerda e no oval: — Na disputa do Grande Circuito Internacional da Europa para aeroplanos de turismo, no qual tomaram parte três concorrentes de diferentes países pilotando aparelhos das mais reputadas marcas, os dois primeiros aviões esbezados no aerodromo de Orly, «terminus» da prova, foram dois aparelhos «Fiat» «A. S. 1», pilotados por Di Lombardi e Di Botalla, respectivamente.

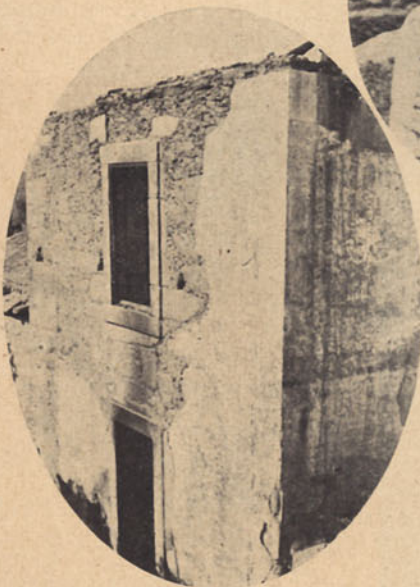
PELO NORTE



Em S. Martinho de Arnelas, Guia, ardeu uma pobre casa. O fogo foi lançado por uma pequenita e nele morreram os seus irmãos. A nossa foto representa o doloroso quadro da pobre mãe tendo no colo a causadora inocente do sinistro, e seu marido José Moreira chorando a perda dos filhos e do lar.



EM CIMA: — A trágica expressão de Rosalina Pereira que perdeu filhos e lar no incêndio de Guia, tendo no colo a pequena Margarida, que lançou o fogo.



A ESQUERDA: — O casarão de S. Martinho de Arnelas depois do incêndio em que morreram duas crancinhas, de 2 anos numa e de 2 meses outra.

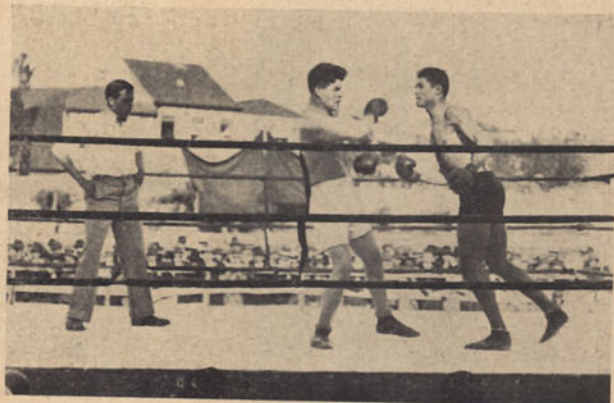


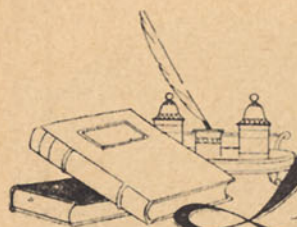
EM BAIXO: — A última sessão de «box» no Pôrto. — A esquerda: Aspecto do combate em que Santa Camarão bateu Jack Stanley aos pontos. — A direita: O combate em que Sebastião (brasileiro), venceu aos pontos Tom Berry.

(Fotos Alvaro Martins)

NO OVAL, de baixo: — Festa em Metralhadoras 3, no Pôrto, em honra do governador civil de Zamora (Espanha), que se vê ao centro com a esposa e filhos entre o comandante da Região e capitão do pôrto.

EM BAIXO, à direita: — A festa em Metralhadoras 3. — Uma fase dos exercícios na parada.





Livros e Escritores

SUEÑOS CON LOS OJOS ABIERTOS (novelas) — EL HONOR DE MESSIÉ LA PRINGUE (comédia de bonecos) — E outras obras de TOMÁS BORRÁS — Madrid-Editorial Pueyo.

O autor de *La pared de tela de araña* é, por justo mérito, um dos nomes mais representativos da intelectualidade espanhola. Não importa que o seu talento ande disperso pelas obras industriais do teatro ligeiro, a que Borrás deu, de resto, uma modalidade inteiramente superior ao existente. Ele não deixa de ser, sempre, original, fundamentalmente marcado. Tomás Borrás seria, se quizesse, um grande nome na literatura séria da península. Não quer; deliberadamente, corajosamente, prefere ser o sarcástico, o irónico manejaedor de fantoches burlescos dos seus entremeses e compraz-se em pastichar, com a mais alta solvência artística, o brilho mate mas duradouro do Século Doirado das letras espanholas. Toda esta atitude deriva, decerto, do próprio temperamento do artista. Tomás Borrás é, sobretudo, a incarnação palpitante da simpatia. Esse dom magnífico espirra de todo o seu ser, num rodopio de gentileza e gentilhomeria que o torna uma das pessoas mais atraentes que nos é dado conhecer. Assim a sua obra. Nem uma página antipática, e há tantas nos grandes, nos máximos sobretudo!... Nem uma atitude pedante ou ingrata dessas que por vezes, abundam nos profundos, nos sérios. E por isso, porque é a tradução intelectual da simpatia, da bondade e do cavalheirismo à antiga maneira é que a obra de Borrás é aquilo que nos delicia a cada volume novo, uma obra leve, transparente, alacre e cheia de perene mocidade, sem perder o tom que define as obras de arte e as diferenças da faneria abominável. Nos livros que agora nos envia Tomas Borrás está bem patente este conjunto de qualidades.

Em *Sueños con los ojos abiertos* novelas de intensa originalidade sem relusca, de elevação literária incontestável é duma atraente e invencível sugestão. Novelas exemplares lhes poderíamos chamar.

Em *El honor de Messié La Pringue* uma farça de marionetas, viva, estuante de vida, sátira cruel e desapiedada envolto no manto jogresco do bom humor. O prólogo, modelar como prosa castiça, todo o entremez bufo esufiante de simpatia um pouco irónica e um nada melancólica como são as simpatias dos últimos românticos do córte desse belo eterno rapaz que é o novelista de *La Mujer de sal* e o libretista delicioso dessas jóias que são *Fantochines* e *El pajar de dos colores*.

Muito haveria a dizer, em particular sobre cada uma das obras de Borrás. Não cabe no acanhado âmbito desta secção outra coisa que não seja desejar que todos os que fazem da leitura uma fonte de prazer sensorial e mental, leiam tudo quanto escreve este belo artista. Porque, a pesar da leveza espumante das suas obras este delicado ourives cinzelador da prosa castelhana nunca fornece aos seus admiradores simples frivolidades sem consistência e com a beleza de crómicos rutilantes. Em tudo quanto Tomás Borrás escreve se descortina, facilmente, sob os europeis ligeiros da graciosidade e da bizarria um fundo de filosofia às vezes ácida, outras de travo profundo, um paganismo sadio outras vezes, mas sempre uma profunda e emotiva humanidade.

J. F.

CARTAS PARA O BRASIL — POR JOÃO GRAVE (Crónicas) — LELO & IRMÃO — PORTO.

João Grave é um dos mais honrados trabalhadores das nossas letras. Infatigável, duma elegância moral e intelectual bastante saliente, acreditando sempre com vernaculidade e senti-



Tomás Borrás

mento quando não com verdadeiro brilho, o artista, voluntariamente recolhido da feira das vaidades, conquistou, por seu próprio mérito o belo lugar que ocupa. O volume que agora dá à estampa de certo não acrescenta loiros nos já colhidos por João Grave em «S. Frei Gil de Santarém» e «Gleba», por exemplo, mas, sendo uma recolla de crónicas dispersas por jornais brasileiros conserva a grande qualidade de se ler com agrado mesmo depois do momento jornalístico que justificou cada punhado de centeitos escritos.

E é este um grande elogio a fazer à obra de João Grave.

J. F.



João Grave

OS MEUS SONETOS — POR MARIA AMÉLIA TEIXEIRA. — Lisboa, 1929.

Desde há muito se convencionou considerar o soneto como a forma aristocrática do lirismo. Sem discutir o que em semelhante concepção haja de arbitrário e falso, seja-nos lícito lamentar a voga excessiva que semelhante camisa de forças teve e continua tendo entre nós, mórmente por banda dos novos que tudo indicaria menos destinados a uma tal expressão lírica erriçada de dificuldades e própria sòmente para grandes poetas. O resultado é não se aproveitar um só soneto dentre o matagal que infesta as montras dos livreiros. O soneto — quatorze versos e quatro rimas apenas — demanda uma força de expressão lírica verdadeiramente excepcional, uma visão de conjunto única e um poder emocional pouco vulgar. Desde que semelhantes predicados não concorram, achar-nos-hemos perante quatorze versos e nada mais; quatorze verso que esquecem linha a linha... É o caso deste livrinho que temos aqui diante de nós. A autora é muito jovem e por isso nos atrevemos a dar-lhe um conselho: fuja do soneto e da quadra popular. São duas formas de lirismo em que só dois resultados é possível obter: ou muito bom ou muito mau — esta última categoria com escala pelos portos da sensorial lírica. O muito mau ainda às vezes pode interessar, dar motivo para a gente desafogar a bilis... Mas a escala a que nos referimos deixa-nos sem capacidade de reacção, aborrecidos conosco e com a Humanidade... Para que sujeitar o lirismo a uma camisa de forças, exactamente quando a mocidade e a irreflexão que lhe anda adstricta obrigam a não conhecer os predicados necessários para obter o muito bom?

E se isso fôsse lícito daríamos à autora de *Os meus sonetos* um outro conselho: o de não ter pressa de publicar. Deveria fazer versos, sim, mas guardá-los ao canto da gaveta pulindo-os sem cessar, cortando sem piedade, recusando-lhes inexoravelmente a publicidade precoce... Quando nós temos a consciência de ter feito muito bom para que publicar?

J. G.

MI VIDA — POR ISADORA DUNCAN (Memórias) — TRADUÇÃO DE LUÍS CALVO — Editorial Cenit — Madrid.

Eis um dos mais formosos livros publicados de há uma vintena de anos a esta parte. A vida de Isadora Duncan é, toda ela, uma labareda de loucura, uma labareda de arte e de estranheza em que a divina se queimou voluptuosamente. Os frios analisadores da vida chamar-lhe-hão uma monomania artística, falarão em taras complicadas, quicá em aberração sensual, tudo o que quizerem!

Não roubarão beleza à vida magnífica dessa neo-ateniense, louca de génio, bebida de ritmo, dando-se toda à dança como num sacrificio pagão e vermelho. A vida de Isadora contada por ela própria, num livro de memórias que nem pretende ser literário, nem pretende ser obra de arte, é um capitoso presente para o paladar de raros. Devemos este regalo esplêndido, magnífico, ao arpojo da Editorial Cenit, uma casa que, no meio editorial da península, está marcando exuberantemente o seu lugar, e à competência escrupulosa do tradutor, o brilhante jornalista Luís Calvo, um dos temperamentos literários mais curiosos da sua geração, e que tratou do transporte ao espanhol com a veneração de um artista por uma bela divindade toda harmonia e com a probidade profissional que dele havia a esperar.

Um dos melhores livros do ano.

J. F.

MUSEU DO
PRADO
MADRID



D. FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES
As moças do cantaro

DE LISBOA A SEVILHA, PELOS PIRINEUS — POR ROGÉRIO GARCIA PEREZ — (Viagens romancesadas) — Parceria António Maria Pereira — Lisboa.

Estravagante idéa tiveram estes editores, aliás respeitabilíssimos, ao organizar um Concurso de romances entre jornalistas (e para mais de três jornais, apenas, do país), com o prémio dado, pelo favor do público, áquele que mais depressa tivesse a sua edição esgotada. Estravagante coisa. Porquê?... Porque Alfredo Gallis vendeu sempre mais do que Garrett, o que demonstra o falso juízo do público, porque um grande jornalista raro é um sofrível romancista, porque o romance é um género ultra-complexo de literatura em que não é vulgar uma estreia brilhante, porque em outros jornais, além dos escolhidos, podia haver moços de talento que não foram convidados e porque, mesmo dentro dos jornais contemplados, concorreu o redactor que gozou do favor de ser indicado pelo chefe de redacção. Ora tudo isto é profundamente imoral, como imoral é o desafio de réclames que, cada um dos concorrentes, dentro do seu jornal, há-de tentar por todos os meios para abelhar o aliás mísero prémio.

Atijado de nascença, supponho que o concurso só tenha dado aleijões, casos de teratologia difíceis de explicar. Cabe-me falar apenas de um dos livros, Assina-o Garcia Perez, nosso colaborador e jornalista de incontestáveis qualidades. Moço, vibrando de entusiasmo, maneja com facilidade uma paleta colorida de peninsular exuberante, Rogério Perez poderia, fora das condições de espaço e tempo do concurso, produzir uma formosa novela de carácter ou um livro de impressões justas e magníficas. Quis meter-se dentro do género «romance» e do seu livro salva-se apenas aquilo que o não é, e, de certo modo, a inteligência com que o autor fugiu, deliberadamente, a macaqueações de romance psicológico, que é por onde dá a todos que começam... pelo fim!...

Capa bonita de Stuart e edição descuidadíssima como papel e impressão. J. F.

UM APRENDIZ DE APOLO — ROMANCE POR MÁRIO REIS. — Lisboa, 1929. — Parceria António Maria Pereira.

Um romance, este *Aprendiz de Apolo*? Parece-nos bem que não; trata-se apenas duma caricatura sem nada que a recomende, sequer a intenção... A linguagem dos personagens é pouco natural, a do autor baixa e ordinária; a lição a tirar é nula, o exagero incaracterístico de certas situações é manifesto, o descritivo — que tão belas páginas poderia dar — esse não existe. Em resumo: uma perfeita inutilidade. Parece impossível tratando-se dum meio absolutamente característico, cheio de cor, tradição, elementos de tragédia e comédia! Mas é assim.

absolutamente característica, ainda até hoje não tinha surgido um escritor capaz de produzir obra com geito acerca da vida estudantil da bela cidade universitária. Recordamos com tristeza *La Casa de la Troya*, de Perez Lugin, cuja acção decorre no meio vellhíssimo duma velha cidade universitária espanhola: em menos dum anno dera a volta á península, passava os Pirineus e



Rogério Garcia Perez

havia-se tornado célebre por toda a parte. O autor não deveria ser mais velho que o sr. Mário Reis...

Mas *Um aprendiz de Apolo*, ou nos enganamos muito ou não dará sequer a volta a Lisboa. Aguardaremos com paciência melhor monção no talento do sr. Mário Reis... J. G.

A CIDADE MALDITA — ROMANCE POR BELO REDONDO. — Parceria António Maria Pereira. — Lisboa.

Dos três concorrentes ao pícaro e misérrimo concurso da Parceria apenas Belo Redondo lo-

duma novela que está parturejando e na qual aparece uma arma «homicida» — que por sinal é uma tesoura e tirou a vida a uma mulher... Depois, o pretendente a jornalista começa a viver á custa duma desgraçada que se cocaína; tem namoro com outra que consente liberdades terríveis a um primo tenente; assiste a uma procissão de degredados de Monsanto para o cáis de embarque (em Monsanto há uma discussão científica entre o médico e o director que é da gente «estorocer!»), e surge-nos então o único ponto interessante da obra: aquelle em que o Joaquim Saloio fala do único remorso da sua vida: a morte que, involuntariamente, dera a uma criança de dois anos. O resto da obra é pueril, contraditório. A intrusão do Reinaldo de Melo no 19 de Outubro e a exploração da genese do movimento achamo-las inúteis e ridículas, como ridículos, inúteis e descabidos são, na carta final, os pormenores geodésico-históricos acerca do Crasto de Alfaterna e os lirismos da lenda da moura... A coisa até mete versos do pobre Adelino de Abreu! Ora cebo!...

Afinal tudo acaba muito bem porque o Reinaldo de Melo tem tanta sorte que, tendo escapado á cocaína, ao jôgo, á polficia e aos revolucionários do 19 de Outubro, ainda por cima abicha a fortuna dum tio que resolve fazer-lhe doação dos bens, visto querer ir morrer á Argentina (!), e, santo Deus! para coroar esse dilúvio digno de loteria do Natal ainda apanha um casório «com uma rapariga da Serra, formosa e simples», se calhar com as burras cheias e o ventre fecundo... Peffir mais seria cruel!...

Rifim: se *A cidade maldita* possui uma tal ou qual aparência de romance — no que sobrepuja as suas companheiras do concurso — a verdade é que não vale grande coisa. X.

COLECCÃO ORBE — Os grandes interpretes do Cinema — Ramon Novarro — 2\$00.

Alguns jornalistas modernos, vivos, onusados, aproveitando a vaga de cinefilia, lançaram a público, num belo e honesto esforço, esta série de biografias dos astros da tela mais em voga. Não sei até que ponto o público fará justiça aos seus propósitos, mas justo era, na verdade, que esta coleção obtivesse um verdadeiro triumpho. Merecê-lo-hia pelo aspecto gráfico atraente e cuidado, pelo preço da publicação que revela honestidade e pela maneira como está orientada a coleção que, neste primeiro número, apresenta uma biografia viva, scintilante, com um evidente interesse jornalístico revelador das boas qualidades profissionais de quem a escreveu. J. F.

REVISTA PORTUGUESA DE COMUNICAÇÕES.

Temos diante de nós o n.º 5 desta revista, que se destina ao estudo e divulgação dos problemas que envolvem turismo, transportes aéreos, marítimos ou terrestres. Toda a excelência desta



Isadora Duncan
(Desenho de Leon Bakst.)

gron apresentar uma coisa com aparência de romance. É verificado o fiasco tremendo do certame, apraz-nos escrever o que acima fica, embora o visado não tenha de que se envaidecer, porque não produzim obra que se diga benze-te Deus.

O tema, lá no íntimo, é o da *Cidade e as Serras*, e um pouco o de *A Capital, de Eça*, mas, ambos êles, vistos sem inteligência nem originalidade, sem garra, nem pureza ou audácia de estilo e com ingenuidades imensas de factura e elocução. *A cidade maldita* começa por um diálogo inverossímil entre um jornalista sabidão e um rapazote da provincia que quer entrar para os jornais: o periodiqueiro não o conhece mas, para lhe entreter a debilidade e estabelecer o conhecimento, lê-lhe imediatamente um trecho



Maria Amélia Teixeira

Mário Reis apresenta-nos apenas uma simples caricatura, despida de sentido, de qualquer outro objectivo que não seja escrever. Não há uma idéa, um fim a atingir adentro das duzentas páginas deste *Aprendiz de Apolo*.

O caso enche-nos de amarga surpresa, tratando-se de um autor que, dizem-nos, viveu largos anos dentro de Coimbra. E seja-nos lícito deplorar que sendo esta cidade, repetimos,



Belo Redondo

publicação que nos apraz recomendar, não provém do seu aspecto gráfico, um pouco atrasado para os tempos febris que vão correndo, e sobretudo se o compararmos com o das revistas estrangeiras da especialidade... O que é excelente, sim, é o intuito que a ditou, o que merece o nosso mais franco aplauso é o conjunto de propósitos nacionais que a anima. Isso basta para a tornar benemérita. X.



*A la Redaccion de "Ilustração",
la gran revista portuguesa que tan-
to os afecta os meses*

Luís de Oteyza

IMPRES- SÕES DE JORNALISTA LUIZ DE OTEYZA FALA SUAS VIAGENS

veraneo em Espanha. É curioso! O ciclo das minhas viagens também termina com Portugal. Estive em Lisboa em Julho do ano passado, e não voltei a sair de Espanha. Quero até aproveitar esta oportunidade para agradecer à rapaziada amiga da *Ilustração* as entusiasmadas atenções de que me rodeou.

— Não tem de quê.
— Mas a primeira grande viagem que fiz foi à Suécia, e não foi tanto pelo desejo de viajar como por estar longe da redacção do jornal que eu iniciei as minhas andanças.
— Tem assim tanto horror à vida das guestas?

— Pudera! Desde os 15 anos que me vejo metido nelas. Aos 25, era eu director de *La Liberal* de Barcelona, com 18 horas de latania diária. Um inferno!... Cheguei até a passar quinze dias doente, de cama, num quarto da redacção, porque não podia abandonar o jornal.

— Como se lembrou de ir à Suécia?
— É uma lembrança não foi minha; foi do governo daquele país que me convidou, juntamente com um jornalista de cada uma das principais nações da Europa, para assistir à inauguração da exposição de Gotemburgo. E como eu era o primeiro de Espanha e... último amigo do ministro dos Estrangeiros de então, calloume a vez a mim.

— Agora já não há amigos...
— Realmente, à excepção de alguns que estão submetidos às glandulas do Voronoff, não sei onde eles param.

— Voltemos aos sucesos.
— Melhor, é... O governo, que nos tratou como príncipes, promoveu quatro excursões de tipo distinto em nossa honra. Uma, de carácter industrial, às selvas; outra, a monumentos e museus; a terceira, a portos e indústrias marítimas, e, a última, à Lapónia. Eu, que era o menos estolidoso de todos os excursionistas, fui o único que me decilii a tomar o caminho do Polo. A viagem foi pouco arriscada e não oferecia perigos que lhe dessem a categoria dama aventureira. No comboio, os melhores confortos — estofos e aquecimento, nas terras nevadas, guias experimentados e cómodos trens.

— E de especial?
— Nada; o cinematográfico substituiu com vantagem qualquer relato etnográfico. Todos nós temos visto no ecrã os trechos sobre regiões nevadas. Nem a indumentária sugere a menor curiosidade; os lapões — cavalleiros vestem como os lapões — senhoras.
— Não se distingue?
— Graças ao meu apurado instinto de animal de água doce, descobria as fêmeas imediatamente.

— Estes homens que viajam pelo offcio de viajar, que nos contam depois, em amplexo livro, as impressões das suas viagens, causam-me certa mosca. Entre malas e passaportes, enções de novas terras, complicações de cumbios, o estado de fimo que sempre nos produz nas portas do desconhecido, não deve ser manjar nada apetitoso o artiguinho obrigatório.

— E de quando data essa mania de viajar, querido Oteyza?
— Mania?... Religião.
— Bem; religião.
— Desde os 10 anos. Tinha 10 anos quando fui pela primeira vez a Portugal. Um mês de

S Õ E S UM CELEBRE À "ILUSTRAÇÃO" DAS ATRAVÉS DO MUNDO

Vejamos o processo de Luís de Oteyza na preparação e confecção das suas viagens literárias.

— Eu tenho cá o meu método, um método muito meu — instrui o original escritor — e não sei se é o que os outros adoptam. Traço, primeiro, o itinerário a seguir. Aponto, depois, os lugares a visitar, com os seus museus, monumentos, pontos característicos, sítios de interesse, etc. Ainda em Madrid, documento-me, lendo os livros que posso encontrar acerca das terras que tenciono percorrer, para levar já um prévio conhecimento e a visão directa das coisas não seja senão trabalho de rectificação.



Junto aos velhos canhões portugueses da Ilha de Goréa

O resto é o que se chama virtude pessoal: olhos para ver, ouvidos para escutar e um certo instinto que se assemelha ao fado dos ciees. Levo sempre comigo um caderno de apontamentos onde lanço toda a nota que me deu no góio. Todas as noites, sem esquecer uma só, ordeno cuidadosamente as minhas notas, comentando-as com novas sugestões, já no ambiente de seriedade e reflexão dum quarto de hotel ou dum camarote de navio. Depois, é só regressar a Madrid, dar forma literária ao meu inseparável e precioso caderno, e mandar o manuscrito para a tipografia.

— Isso é o que se chama o aspecto literário da questão. Como nem todos nós somos literatos, vamos lá ao aspecto geral.
— O segredo do viajante consiste na preparação da bagagem: levar só o necessário, nem um canivete a mais, nem um canivete a menos. É claro que, para isso, é preciso conhecer antes o terreno que se vai pisar. No Senegal, por exemplo, onde o capacete colonial é objecto vitalmente imprescindível, sobra o smoking, o que já não succede num barco inglês.

— Vitalmente?
— Sim, senhor; de vida ou de morte. O sol é tão violento que, caído directamente na cabeça, mata. Chama-se a isto o *coup de bambou*. Até as freiras levam o casco por cima da touca. Lembrou-me agora do seguinte caso: um cavalleiro teve um desarranjo no autoimóvel que o transportava. Meteu-se debaixo do carro para compor a avaria; à saída, cometeu a imprudência de sair sem chapéu, deu-lhe o sol no crânio e caiu fulminante.

— Estes viajantes de terras longínquas devem ter os seus pontos de contacto com os engadros. Ao vê-lo da caça, correponde o vício da mentira. Abordemos Oteyza sobre o assunto.

— Não há necessidade de mentir. O meu amigo velho da China, de Barren ou do Senegal, conta em Madrid a quarta parte do que viu, e ninguém acredita em si. O absurdo é tão grande por aquelas terras que até os jesuitas vestem de branco! Os corvos daqui, lá, convertem-se em pombas. É claro que tudo que não está chancelado pelo cunho europeu surpreende a credulidade do indígena peninsular. Se lhe contasse coisas dos igorotes!...

— Quanto a mim, firmo o solene compromisso de acreditar cegamente.

— Então aí vai. Os igorotes, primitivos in-



Luís de Oteyza no aerodromo de Alverca, quando da sua última viagem a Lisboa, em 1926, recebe as suas bênçãos do nosso director

ILUSTRAÇÃO

Onto dos segredos do viajante é resignar-se a não comer. A uma excursão pelas terras do Senegal só se resiste com pão e queijo. O nosso estômago não suporta a culinária em uso. As comidas assemelham-se muito às das regiões mouriscas. É mais fácil beber molho de pólvora de que ingerir o *cuz-cuz* senegalês ou o *curry* indio. E do tal *pinho de andorinhas*, peíisco da predilecção chinesa, nem falar. Muito mais que a água-ardente embebeda o vinho de arroz dos japoneses, o chamado *Saké* japonês. Eu dou o beicinho pelas guloseimas e, entre estas, o que ricordo com mais emoção são as ricas queijadas de Sintra.

— E a moral, varia como as comidas?

— Quási, quási. No Japão, a prostituição, embora não se considere precisamente como motivo de glória, aceita-se como modo de vida. O pudor feminino não existe, ou não existe pelo menos como nós o instituímos, e, no entanto *beijo* é palavra portográfica. Numa das minhas viagens ao Egito, em barco inglês, cometi a leviandade de me apresentar em público em pijama, o que mereceu o mais veemente protesto da parte das senhoras. Mas no Mar Negro, a presença dos carvoeiros nus aos olhos das gentis filhas da Allion, tomou-se como coisa natural. Sentii então desejos de me despir, mas, meu amigo, o receio de comparações desvantajosas, deteve-me no intento.



Nas margens do Páging (Filipinas), Oteyza conversa com os nativos



Oteyza com uma família cristã, no interior da China

duma viagem às colónias portuguezas. Se o sonho não se converter em realidade não será por culpa minha.

— Ah!, meu caro amigo, só se vive quando se viaja. No regresso sempre encontramos as mesmas pessoas, no mesmo sítio, fazendo a mesma coisa, recebendo-nos com o mesmo gesto, e quando se diz que se vem do remoto Japão — a elles, que nem por fantasia se despegam das mesas dos cafés — como podem acreditar?...

Quebrou-se o encanto. Oteyza partiu há uns dias para as Américas, sedento de aventuras e abarrotado de principescos contractos jornalísticos. Não foi despedido por banquete mas os seus amigos que são tantos, oferecem-lhe, por subscrição uma coisa original... uma enxada de honras, a melhor dádiva, a mais justa, para este viajero infatigavelmente errante.

NOVAIS TEIXEIRA.

— Quais são os mais amáveis companheiros de viagem?

— Os norte-americanos. Eles, crianças alegres e travessas, dispostas a tudo. Elas, perfeitas camaradas, com todos os pormenores dos perfeitos camaradas. E, enquanto os *fedelhos* nos divertem com contos sujos e grosseiros, elas narram-nos coisas ácidas e pitorescas. Viaja-se muito bem com um norte-americano.

— Os melhores tipos que tem encontrado entre essa variedade de povos?

— Sem dúvida, os senegaleses, pela sua arrogância. Como tipos de mulher, femininas, graciosas, *virtuosistas*, as japonesas. Um encanto!

— A cidade que mais o impressionou?

— Changai, pela sua grandiosidade. Reünese ali toda a magnificência europeia com todo o esplendor oriental. O espectáculo de imprevisto que este contraste nos oferece é difícil de imaginar-se. O vosso Macau também me surpreendeu bastante. É tal a sua personalidade luzitana que a gente pasma de ir encontrar uma cidade tão peninsular em pleno Oriente.

— O seu próximo itinerário?

— Tenciono sair em Fevereiro para Niza, Nápoles, Atenas, Constantinopla, Jerusalém, Alexandria, Tunis, Argélia, Malta, Baleares e Espanha. Há muito também que alimento o sonho



NA COLÓNIA PENAL DE IWAHING — Presenciando o desfile dos colonos: Oteyza com o Superintendente, o chefe militar, o governador civil e o bispo da Paragúia

A MARINHA DE GUERRA PORTUGUESA

INQUÉRITO AO SEU ESTADO ACTUAL E
ÀS SUAS NECESSIDADES MAIS URGENTES

OS CRUZADORES

Publicando nas páginas da *Ilustração* um inquérito desta natureza, temos apenas em vista informar a nação inteira por intermédio de uma grande revista, do estado actual e das necessidades mais urgentes da nossa Marinha de Guerra.

Observando e analisando o valor militar dos barcos, concluiremos por apontar os tipos de unidades que estão naturalmente indicadas para os substituírem.

Começaremos, pois, como é lógico, pelos cruzadores.

A Armada Portuguesa dispõe hoje de quatro cruzadores, qualquer deles — diga-se a verdade — de modesto valor militar.

Tratemos hoje de dois: o «Vasco da Gama» e o «Adamastor».

O primeiro foi classificado há tempos pelo antigo ministro da Marinha e illustre oficial da nossa Armada, sr. comandante Pereira da Silva, como sendo o «decano dos cruzadores de todo o mundo!»

E assim é, de facto. O «Vasco da Gama» presta serviço na Armada Portuguesa há cerca de 53 anos, o que representa na verdade um «record»!...

Tendo sido construído em Inglaterra, foi mais tarde — em 1902 — para os estaleiros italianos da casa Orlando, onde lhe acrescentaram a meia nau, alguns metros, introduzindo-lhe também modificações importantes.

As principais características do velho cruzador são as seguintes: Deslocamento: 3,030 toneladas. — Comprimento entre perpendiculares: 71,30 metros. — Força das máquinas: 6,000 cavalos. — Hélices: duas. — Velocidade máxima horária: 14 milhas. — Ar-

tilharia: 2 canhões de 200 mm., 1 canhão de 150 mm., 1 canhão de 100 mm. e 6 de 47 mm., num total de 10 bocas de fogo.

A única razão de ser da existência do «Vasco da Gama» ainda hoje é, sem dúvida, a sua artilharia, que é a única qualidade militar do navio, se bem que fraca.

Durante a Grande Guerra, o «Vasco da Gama» foi o navio-chefe da divisão naval de defesa e instrução, arvorando no tope do mastro de vante a insígnia do que foi o illustre almirante sr. Leote do Rêgo, um dos grandes e verdadeiros portugueses que a Armada pode incluir no número dos seus leais e dedicados servidores.

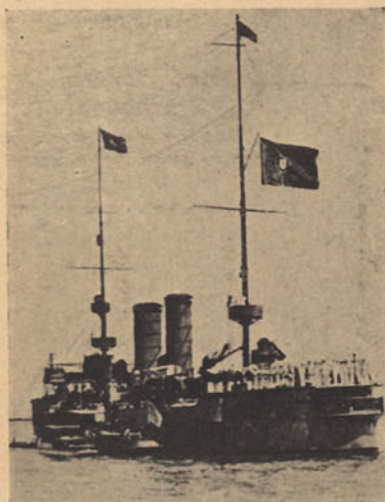
O «Vasco da Gama»! A sua prôa antiga, os mares que ela tem cortado! Percorreu já o lendário «Pimpão» todos os oceanos! Esteve na Índia, na China, na África; visitou os principais portos militares da França, da Espanha, da Inglaterra, do Brasil, da Itália e das nossas colónias, visitou, enfim, o mundo inteiro!

Subiram já a sua escada do portaló e pisaram o seu convés, figuras de grande destaque na política portuguesa e estrangeira: Bernardino Machado, Afonso Costa, António José de Almeida, Afonso XIII, rei de Espanha, Primo de Rivera, almirante inglês De Sella e tantas outras figuras notáveis.

O «Vasco da Gama» entrou já nos domínios da História, da lenda...

Conservá-lo impõe-se sob o ponto de vista histórico, mas substituí-lo impõe-se sob o ponto de vista político.

Conservá-lo como relíquia é prestar homenagem aos marinheiros de ontem, mas substituí-lo é prestar uma homenagem aos marinheiros de hoje.



O cruzador «Vasco da Gama»

Prestemo-la, pois, que eles são bem dignos dela.

Vejamos agora o «Adamastor», cerca de 33 anos de serviços prestados à Pátria!

Este cruzador foi o primeiro navio construído nos estaleiros italianos da casa Orlando para o estrangeiro, e deve-se dizer em abono da verdade, que constituiu um bom réclame aos estaleiros que o lançaram ao mar.

O «Adamastor» nasceu de uma subscrição nacional, que o espírito patriótico do povo português conseguiu opor à afronta do «ultimatum» britânico.

Este cruzador, que brevemente partirá para Angola, onde vai exercer soberania, tem despenhado, à semelhança do «Vasco da Gama», numerosas e diversas comissões de serviço.

As suas ancoras seguraram-no já nos mares da China, da América do Norte e do Sul, da Ásia, no Mediterrâneo, no Indico e nos portos de todas as nossas colónias.

As principais características do «Adamastor» são as seguintes: Deslocamento: 1,757 toneladas. — Comprimento entre perpendiculares: 73,81 metros. — Força das máquinas: 4,000 cavalos. — Hélices: duas. — Velocidade máxima horária: 17 milhas. — Artilharia: 2 canhões de 120 mm., 4 canhões de 105 mm., 4 canhões de 47 mm., e 2 metralhadoras, num total de 12 bocas de fogo.

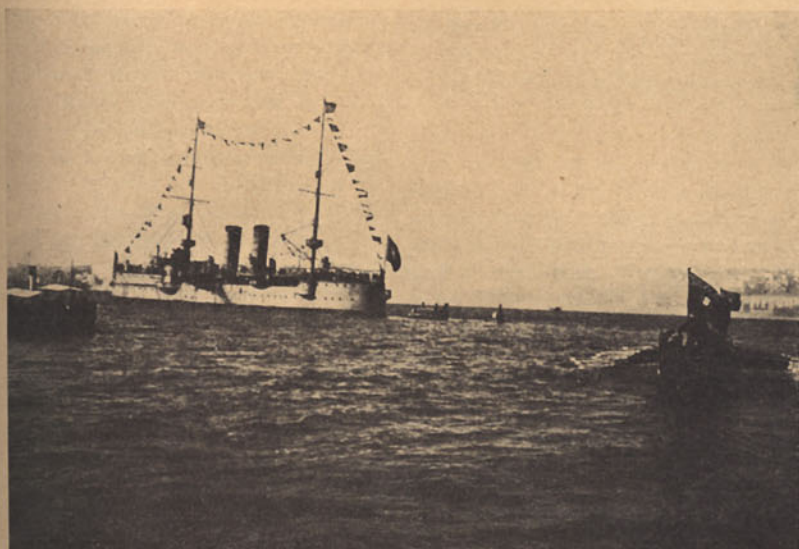
O «Adamastor», à semelhança do «Vasco da Gama», necessita também de ser substituído. É um navio cansado, uma unidade gasta em 33 anos de serviço activo.

As recentes reparações foram talvez um «balão de oxigénio» que a pesar de útil não deve ter conseguido destruir os efeitos de um tão grande e extenuante período de trabalho.

E sobre os cruzadores «Vasco da Gama» e «Adamastor» são estas as considerações que julgamos úteis e necessárias neste momento.

MAURICIO DE OLIVEIRA.

No próximo número: Os «sloops» «República» e «Carvalho Araujo». — O que a Armada Portuguesa necessita sob o ponto de vista de cruzadores.



O cruzador «Vasco da Gama» embandeirando em arco

COISAS QUE DAS PROFECIAS À

ANDAM NO AR REALIDADE PALPAVEL



...O DIRIGÍVEL «CON-
DE ZEPPELIN» ATERROU
ESTA MANHÃ EM FRIE-
DRISCHSHPFEN, DEPOIS
DE TER DADO A VOLTA
DO MUNDO NO TEMPO
ÚTIL DE VINTE DIAS...

(Dos jornais)

Paris, no ano 2000, segundo um vaticínio de *Lechner de la Fenau* de há 25 anos

Entre muitos predícios difíceis que os homens têm desejado conseguir — voar — é, de há muito, o mais apeteído.

Desde Icaro a Simão, o Feiticeiro, desde a «Passarola» quasi teórica, do Padre Gismão até à sonhada «Aeronave» de «Robur», o Conquistador que a forma da máquina de voar e a casta do impulso que a move tem preocupado engenheiros e bruxos; e centenas de tentativas, umas inglórias, outras loucas, têm atirado o homem para o espaço para breve o deixarem cair, estatelando-o, sem vida ou mal ferido, sobre a terra odiada e tirana.

Quando a ciência, em cabo de séculos de pesquisa, veio tomando o lugar da quimera e a invocação diabólica e o azogue foram substituídas pela força ascensional dum gás mais leve do que o ar ou pela propulsão eficaz duma hélice vertiginosa, o velho desejo dos homens adquiriu foros de possibilidade.

Surgiu, então, a luta entre as duas facções de sábios. Uns optavam pelo *mais leve que o ar* e tentaram libertar o balão primitivo dos caprichos nefastos das correntes atmosféricas,

dotando-o com direcção consciente e governo seguro; os outros, estudando demoradamente a mecânica das aves e dos insectos, inventaram o aeroplano, aparelho, como o pássaro, mais pesado que o ar, mas, possuindo como ele, em si mesmo, a força necessária para se erguer e dirigir.

Ambos os campos têm tido os seus heróis e os seus mártires. Um dia, como para congratrar as duas facções, surgiu o Conde Zeppelin com o seu formidável dirigível cheio de gás como um balão e accionado por motores como um aeroplano. Destruído hoje, aperfeiçoado amanhã, em cada nova construção vão ganhando qualidades até que na prova presente acaba de realizar cabal, segura e comodamente, as suas funções de grande paquete aéreo, capaz de levar a bom termo e em quatro prestações uma viagem de circumnavegação aérea em volta do globo.

Com a segurança de um enorme transatlântico o Zeppelin empreendeu a sua maravilhosa viagem à volta do globo.

Realizando prodígios de velocidade, sem

uma avaria, sem um precalço desagradável, a não ser esse a que a salvageria dos homens o expôs, quando no estado do Texas foi alvo de ataques por tiros de carabina, a grande aeronave veio provar ao mundo a possibilidade das grandes viagens aéreas, das grandes excursões pelo céu com uma noção de estabilidade superior à dos navios e um encanto de visão nunca igualado por nenhum veículo conhecido.

Está feita a volta do mundo em vinte dias. A mão segura dos pilotos soube guiar o leme do monstro e este obediente e submisso levou a bom destino os que ao seu dorso confiaram as vidas.

Oceanos e continentes foram beijados pela sombra enorme do Zeppelin e durante muito tempo as tribus incultas que o obrigaram, fixando as nuvens, falarão dele como duma divindade desconhecida que numa digressão pelos ares viesse trazer bens ou males à pobre humanidade aflita.

Para os homens de ciência a prova tem o interesse duma vitória *do mais leve*; para os industriais é uma esperança de mais um rico filho a explorar.

Para a Alemanha é um triunfo da sua engenharia e para o mundo mais uma conquista do homem nos domínios do ar, ainda há bem pouco considerado elemento velado embora apeteído.

Mas não é só ao empreendimento de Hans Landwíg, piloto do «Zeppelin», que devemos a sugestão deste pequeno artigo. A redacção dum vaticínio escrito em 1904, onde se fazia o prognóstico da aviação para o ano 2.000 foi também causa de o escrevermos porque, desta vez, a obra dos homens venceu a fantasia do escritor e a imaginação do seu desenhista.

Vinte e cinco anos apenas são decorridos sobre a data da profecia e dela está cumprida a parte essencial!

Mr. Clarmont tinha fantasiado a «Hirondelle» o avião por excelência, chamado a desempenhar, no vigésimo primeiro século (e só então) o seu papel de meio de transporte, fácil e prático ao alcance de todos, como os autobuses ou os trens de praça.

Vinte e cinco anos são volvidos e já os Latécoère, os Junkers e tantos outros, obedientes ao volante e ao cronómetro vêm diariamente singrando os ares e conduzindo passageiros e malas do correio!...

Se ainda não existem em todas as casas de Paris cirados onde possam aterrar os aviões e se estes ainda, como a «Hirondelle» da

profecia, não fecham as asas ao pousar, existem já pelo menos e por esse mundo fora algumas centenas de aeródromos e de estações para passageiros.

Já se legislou para o ar. Já foram criadas fronteiras atmosféricas quasi tão abstractas como as ontras, e até o abaloamento no espaço já não é hoje um caso virgem.

Só num ponto o vaticínio do illustre francês falhou por completo. Foi nessa parte em que ele assegurou como única possível, a vitória do mais pesado, aconselhando aos construtores de balões que guardem para mais sábias aplicações o tafetá precioso.

Depois das façanhas do Zeppelin que tomou a peito mostrar à humanidade que o meridiano terrestre é uma curva insignificante que em poucos dias se desereve e em quatro *flapes* se vence como uma partida de xadrez ou uma viagem mental dum filósofo à roda do seu quarto, temos de acreditar nas virtudes do mais leve confessando que ambas as facções de sábios tinham razão.

Contudo, depois de feita justiça à sabedoria dos homens, somos também obrigados com desgosto a confessar que a terra é muito pequena desde que esses homens aprenderam a voar.

A velha frase — o mundo inteiro — perdeu toda a grandeza de extensão ignorada. O mundo inteiro... Pif! uma bola de bilhar a que um mosquito dá volta em poucas horas... dirão os nossos filhos.

Doravante as longes terras apartadas, as ilhas defendidas pelas solidões oceánicas ficam tão perto de nós como eram há cinquenta anos os banhos das Caldas ou Santa Quitéria de Méca. A distância vai ser uma metria.

Mas se, de facto, o mundo empobrecer em tamanho, a vida humana cresceu, cresceu desmedidamente.

Trinta anos da vertigem actual valem bem noventa daquelle velho existir pacífico e benéfico dos nossos avós que subiam curiosos o outeiro do pinhal para verem de longe com temor e receio passar o comboio da tarde e ficavam todo o serão a comentar os mesquinhos vinte e cinco, a hora do carroção primitivo.

As vidas cresceram. Esse elixir procurado, a panacea milagrosa cuja descoberta desorientou durante vinte séculos os magos, os alquimistas e os charlatões, está definitivamente descoberto e chama-se gasolina. Foi ela, a bulhosa essência do nafta pastoso, que, encurtando distâncias, tomou o lugar do pro-

curado Elixir da Longa Vida.

Para o homem de hoje a velocidade equivaleu à conquista do tempo insensato pois que a vida

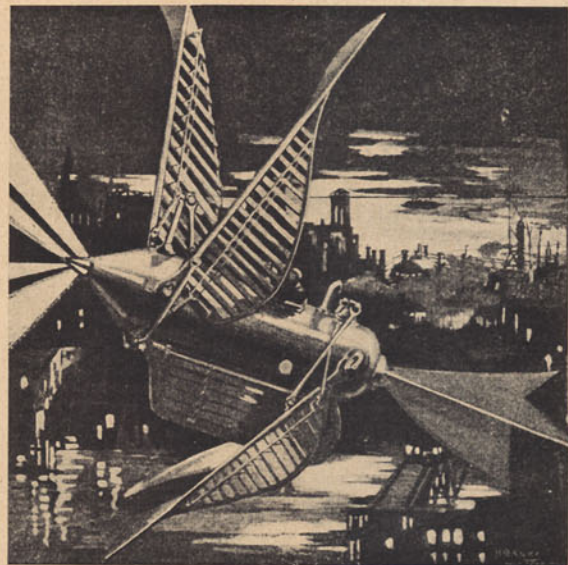
moderna, por mais exigua que seja em lustros, será longa em sensações e em espaço vencido, ultrapassando assim, em muito, as idades bíblicas dos patriarcas.

Só para os poetas o presente não foi próprio. Dia a dia vêem eles fugir-lhes do arsenal literário as belas imagens de antanho.

«Grande como o mar! Maior do que a terra.

gante o uso das coisas estáticas e então voltará a hora dos poetas.

Um dia há de ser moda andar a pé, há de ser de bom tom estar quieto. Haverá campeões do sossêgo e áscas da pachorra e então os vates poderão de novo esperar o emprêgo das velhas frases que para elas terão o sabor ignorado de coisas novas, jámas ditas por lábios humanos, e enquanto o Comércio, a Indústria, a Finança, a Política e até, possivelmente, os doentes dos hospitais e os mutilados das futuras guerras andarem pelo ar vendendo, traficando, conspirando e coxandando, eles e elas, poetas e namorados do futuro, voltarão a perder-se, *bras dessus, bras dessous*, pelas sombras intensas e ermas dos arvoretos cá de baixo. Essa será a hora vito-



A «Hirondelle» vaticinada há 25 anos e que se parece alguma coisa com o «Autogiro» de La Cerva

Maior do que o mundo são hoje frases banais de que a mulher moderna desdenha como ideias muito pequenas, como evocações de distâncias misérrimas que ela pode vencer comodamente, e em poucos dias, na «passarelle» dum Zeppelin ou na «cabine» estofada dum Junker.

Mas, quando sabe-se que o tempo dos poetas voltará ainda? Sem sermos pessimistas como esse Eugénio Hussar que há trinta e tantos anos anunciava o fim do mundo pelo ciência, estamos certos de que este excesso crescente de velocidade há de ter a sua pausa. O hábito da vertigem cotidiana há de fatalmente lançar para o domínio do «sports» ele-

trios do mundo antigo que obrigará as *filles* a andar a pé pisando denodadamente como divindades descendidas do velho Olimpo este «Mundo sarraçal, globo de fanarias» que tanto desprezo mereceu ao Junqueiro nas páginas escusadas e brilhantes da «Velhice».

Quanto a nós, primeiros coevos da Idade do Petrôco, que ainda vimos o Chora e jornalámos na diligência de Nelas, enquanto pudermos, iremos seguindo pela esquerda, no céu e na terra, obedientes aos Paulos e às Posturas.

SÃO PAULO DE HOJE

Hipólito Taine, na sua «Philosophie de l'Art», escreveu acertado e bastante profundo, acerca da influência superficial das convenções sobre o carácter:

...Un voyageur qui est allé en Amérique ou en Chine ne trouve plus le même Paris qu'il avait quitté.

A S. Paulo pode-se aplicar esta frase: Assim é. Quem se tivesse asentado alguns anos, desconheceria na cidade que encontra a cidade que deixou. Lugares que há vinte anos eram colinas cobertas de mato bravo onde moravam as cobras, e cresciam as palmeiras, estão hoje completamente ocupados pelo casario, que, alinhado e risonho, se alonga marginando avenidas asfaltadas ou se estafrelam pelo mato, como vanguardas arrojadas das ruas por abrir.

E todos os meses S. Paulo cresce, todos os anos S. Paulo distende enérgicamente um novo parque, traça no decampado um novo bairro, alarga becos, espalma ruas, que põem em comunicação confortável o centro com os bairros mais distantes onde se acolhe, desconhecido e febril, o emigrante europeu.

E como capital rica dum próspero estado, imediatamente, sem morosidades de pobres ou precauções de avisado burguês, são colocados os trilhos sobre os quais os eléctricos deslisam serenos e sonolentos, como hifens móveis que ligam o espaço através do tempo...

De noite, nas ruas recém-abertas, desabrocham as lâmpadas na treva, derramando uma claridade intensa que forma uma pasta leitosa e etérea com o nevoeiro que, em todos os crepúsculos outonícos, desce suavemente com as sombras lentamente do céu.

No coração da cidade a vida palpita com violência. Inúmeros automóveis passam lentos, businando, entre prédios de altura imensa, coroados de reclamos traçados a luz, e que no seu conjunto impressionante, se assemelham a titãs mudos e resolutos, preparando-se para a conquista do céu.

Em baixo, pelos passeios das ruas, como ilusões breves, caminham as elegantes, porque é de bom tom e demonstra sentimento estético, frequentar das 19 às 22 horas as ruas Direita, 15 de Novembro e S. Bento, ruas que pela sua disposição geométrica formam um triângulo, donde lhe veio a designação característica de «Triângulo».

«Fazer o Triângulo» diariamente, é um hábito elegante para os paulistas, como adormecer no Passeio das Cardosas, no Pôrto, ou deambular pelas ruas tortuosas do Chiado...

Mas a principal característica de S. Paulo é o «Braz».

O «Braz» não é um bairro. É uma cidade. Dantes, ainda não há quatro lustros, não passava dum pântano imenso, alagado pelas águas lodosas do rio Tieté, onde se procriavam milhões de mosquitos e de noite coaxavam as rãs.

Hoje, os pântanos foram extintos. Os mosquitos desapareceram. As rãs sumiram-se. E naquela extensão enorme de terreno inculto surgiu uma cidade europeia, com duas longas e amplas avenidas, que se ligam à cidade-mãe pelos dois braços robustos que esta lhe estende: Ladeira do Carmo e Rua General Carneiro.

É lá que todo o emigrante procura abrigo. O «Braz» acolhe-o com carinho. As casas têm um ar benigno, europeu, que lembra a pátria distante. Lá, não existem arranha-céus. Casas pequeninas, apenas, casas modestas, como sorrisos de Itália e Portugal que viessem florescer no Brasil.

É de noite, é escusado procurar na excitação do álcool a recordação vaga do torrão natal.

Pela atmosfera, em geral sossegada, derramam-se as fúas embriagantes do fado mesto ou do tango languido, desse tango que lembra um fado estilizado, e como cocaína, lentamente, subtilmente, nos envenena a alma dum saudades profunda que só os ausentes sabem compreender.

Então, entre o pranto da luz dos lampeões e o soluçar abafado das fôlhas, o «Braz» parece

sentir, possuir uma alma infinita feita com as migalhas das almas de todos os moradores, que por uma afinidade de sofrimentos se agrupam, amontoam, se amassam, concretizando uma dor comum que impregna a atmosfera de nostalgia.

Grande parte das casas é de estilo sóbrio e de linhas elegantes. As ruas, na sua maioria largas e bem calçadas, não têm as curvas frequentes das cidades velhas, e são, em geral, planas e arborizadas. Alguns prédios, mais sumptuosos e mais raros, têm pintadas nas paredes paisagens evocativas, quasi sempre reproduções da ampla baía de Nápoles ou dos sugestivos canais de Veneza. E todos eles em cores violentas, em que o céu aparece num azul forte como a ambição que os trouxe, e os campos num verde vivo como a esperança que os detem.

Para completar o cenário impressionante deste bairro, aqui, além, muito distante, no cotovelo duma rua, ou surgindo de entre as árvores dum jardim, aparecem diversos prédios com as paredes recamadas de azulejos, desses azulejos que são retalhos de céu onde as nuvens esfumam desenhos sensibilizantes. Sem querermos, a alma desperta. E logo sentimos desabrochar nos lábios um suspiro fundo, uma saudades que se soltou para ir pousar nas terras de Portugal.

O «Braz» não é, pois, um bairro de S. Paulo. É uma cidade humilde e europeia que se estende no lado duma estonteante capital do Novo Mundo. Talvez mais: um símbolo — o da nostalgia do emigrante europeu.

ANGELO DE BARROS FERREIRA.



S. PAULO. — O palacete Martinelli, com 24 andares, em construção

DUAS ARMAS

DOIS DESTINOS

A
 ESPADA
 DE
 GOMES
 FREIRE



A
 CLAVINA
 DO
 JOSÉ DO
 TELHADO

Escreveria o mais estranho compêndio da filosofia do Acaso o homem que fôsse apen- tando dia a dia os contrastes que a vida lhe apresenta depois de estendido e repartido pelo Destino o baralho mágico das coisas e dos factos.

A mim, na proposita da indiferença em que tento viver, escapa-me quasi tudo; a-pesar disso muitas vezes a eloquência dessas obras de Acaso é tão persuasiva que me prende os olhos dispersos e me aguilhõa a atenção volú- vel. Por exemplo: há dez ou doze annos, a meio da rua do Arsenal, vi esbarrandar-se (caso vulgar antes dos camiãos) um veiculo do lixo. Uma das rodas cedera ao peso ou ao carunchinho e o carroção para ali ficara de lado, arrombados os taipais, vomitando em cascata a carga pestilente. Pois sabem os leitores o

que eu vi na enxurrada do lixo? Uma ao lado da outra, tocando-se, acotovelandose, cabendo na mesma pá, unidas para todo o sempre: uma asa dum pombo e uma coleira dum cão... O que liberta e o que prende, o que vóa e o que chumba à terra, a asa leve e o jugo escravo... E ambas, coleira e asa, polufi- das pelo mesmo lixo, igualadas no mesmo Destino.

Mais vezes, pela vida fora, espectáculos iguaes me têm prendido os olhos à obra do

Acaso, mas de todos elles, o que mais me fêz pensar foi esse que deu motivo a estas linhas e serve de assunto a esta crónica ou artigo, como lhe queiram chamar.

Eu não sei se todos os leitores já viram por dentro um guarda-roupa. Para os que não viram eu digo, em síntese, como é. Um guarda-roupa é três ou quatro séculos arru- mados em prateleiras. Volumes truncados da História Universal escritos com trapos e illus- trados com armas e utensílios.

Aquilo separa-se por ordem de séculos. Gi- bões, tabardos, casacas, górrros, chapeirões, tricornes, alabardas, montantes, *rapides*, fafins de Itália, partasanas, mosquetos, clavi- nas, que sei eu!

Elmos de pasta com viseiras de lata, barre- tinas com águias do Império, capacetes doira-

ILUSTRAÇÃO

dos, assim como quem diz: Afonso Henriques, Bonaparte ou Hindenburgo. É a história do mundo, não haja dúvidas, que está ali, quietinha, à espera do baixo, do barítono, do tenor, do pai nobre, do galan ou do cínico...

Pois bem. Foi num guarda-roupa, o velho guarda-roupa do Cruz, que o Acaso me deu uma dessas lições de filosofia, a que faço alusão no começo da página.

No mesmo desvão, quasi no mesmo armário, frente a frente, numa vizinhança de palmas, o Destino colocou duas armas célebres. São elas uma espada e uma clavina. Vê-se logo que a durindana é uma arma votiva, aquilo a que se chama uma espada de honra. Nos cinzelados da bainha curva e do punho sente-se a mão cuidadosa dum lavrante, no damasquinado da lâmina flexível está toda a glória dum alfageme illustre. Aquela espada é o preito dum povo ao seu herói.

É a história duma época e a irrisão dum destino.

É a espada de Gomes Freire, o enforcado de São Gião da Barra.

Agora a clavina. É clavina porque foi cortada. Por comodidade, para caber debaixo dum capote ou para não estorvar a montada quando o dono cavalgasse, serraram-lhe o cano.

Em seu primeiro estado deveria ter sido uma espingarda de guerra, dessas que o povo chamou *arraíunas*, apertuguesando-lhe o nome do autor.

A coronha de nogueira está enfeitada com pregos amarelos.

Quem no-la mostra aponta-nos esses pregos e segreda-nos:

— Quem sabe lá o que querem dizer êstes pregos!... Talvez cada um represente a vida dum homem...

Não acredito. Os pregos formam uma figura simétrica. Isso daria a impressão dum plano preconcebido com as vítimas contadas e levado a cabo com tempo largo e consciência perfeita. O enfeite devia ser única e simplesmente a galantaria dum ferreiro para adoçar o freguês temido.

No entanto, pego nela e as mãos tremem ligeiramente. O contacto do gatilho desen-

volve um fluido eléctrico de repulsa no meu dêdo habituado de caçador.

Não admira. A clavina pertencera ao José do Telhado.

Como o leitor vê, eu tinha razão para dizer que os olhos me tinham ficado prêsos na obra do Acaso. De facto, essa cohabitação sob o mesmo tecto e essa promiscuidade de arsenal para a espada do guerreiro que fizera junto de Napoleão a campanha da Rússia e para a clavina do bandido que deixou nome nos fastos do crime, eram de molde a fazer pensar uns momentos nos casos misteriosos do Destino. Se, porém, demorarmos êsse pensamento e cotejarmos o fim dêsses dois homens, com maior crueldade irrisória se nos apresenta o problema e mais estranha e sarcástica se nos afigura essa cohabitação das duas armas.

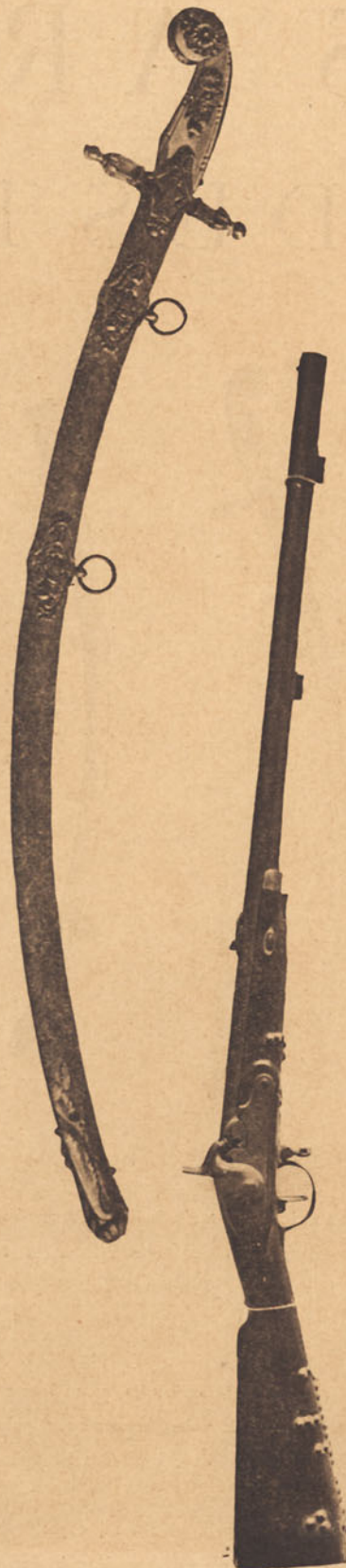
O general Gomes Freire, depois duma larga fôlha de serviços, por motivos que à História pertencem e aqui não cabem, sofreu a degradação e foi executado em S. Julião da Barra como réu de alta traição.

José do Telhado, após sentença de degrêdo a cumprir em África e mercê dum nobilíssimo acto de valentia, mereceu ser condecorado com a Cruz da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

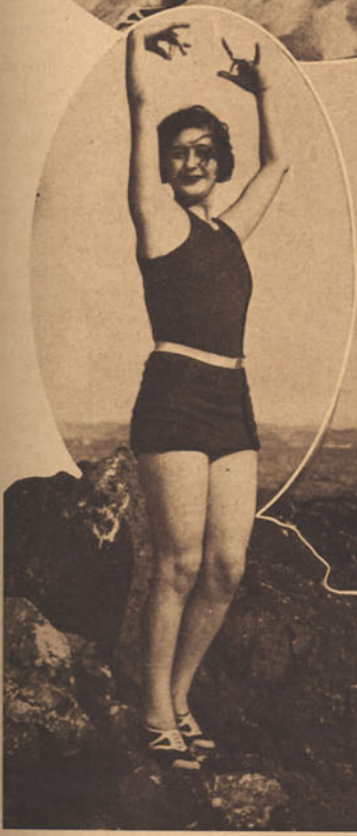
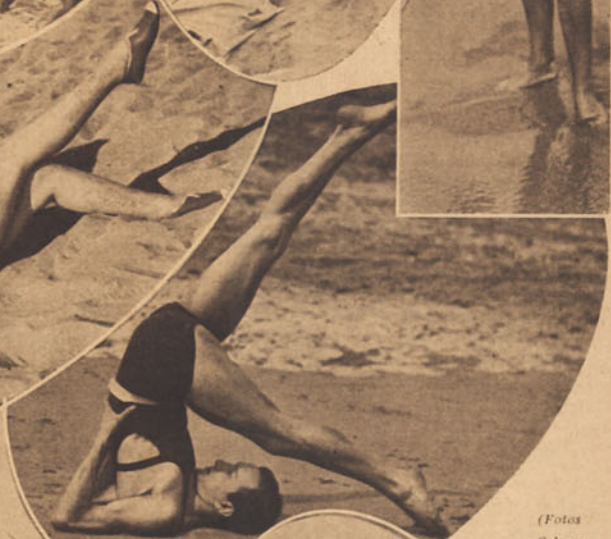
Não dizia eu ao leitor que facilmente compunha um estranho livro de filosofia aquele que fôsse apontando meticolosamente todos os factos que constituem um ensinamento e que parecem ser um capricho banalíssimo do mais puro acaso?

Mais uma vez olho a espada do general e a carabina do bandido e pergunto a mim mesmo que motivo oculto ou que estranha força ignorada vieram juntar, lado a lado, essas duas armas, tão diferentes nas obras, tão iguais na morada, e constituindo tão opostos símbolos do destino dos seus possuidores.

As vezes penso que o Acaso só existe no vocabulário humano.



NAS PRAIAS DE PORTUGAL



(Fotos
Salazar
Denis
e T. de
Carvalho)

Pelos penhascos e pelos areais, neste fim de verão, de norte a sul da costa portuguesa desenham-se, elegantes, as silhuetas finas dos banhistas. As nossas fotos representam algumas cenas pitorescas das praias; crianças e formosas raparigas folgando em liberdade e algumas atitudes do admirável bailarino Francis, ídolo do público.



Brasão de armas do Visconde da Barrosa, em Vila Franca

UMA EXPLICAÇÃO PARA OS LEITORES

Não nos tem sido possível, nesta enumeração de casas nobres e monumentos da Ribeira Lima, adoptar a ordem seguida quando nos ocupamos de Barcelos, onde, aliás, somos hoje forçados a regressar, embora de passagem.

Por mais que uma vez frizámos já as difi-

culdades com que se luta na organização dum trabalho como este. As despesas de viagem, que forçam a acelerar e muitas vezes a modificar as mudanças; a falta dum bom roteiro, sensível em toda a parte, e mesmo nesta Ribeira-Lima, onde tanto se tem escrito sobre o assunto, mas que não chega a ser suprida mesmo pelo valioso livro recente do sr. Conde de Aurora; a deficiência de informações colhidas junto dos solares, muitos deles entregues a caseiros que chegam a ignorar o nome do próprio dono, ou tendo passado a pescas estranhas às primitivas famílias e que inutilizaram ou encontraram já inutilizados os arquivos dessas casas; todos estes e outros inconvenientes impõem não só a adopção duma ordem lógica mas não permitem mesmo resolver certas dúvidas com respeito à data da fundação, valor histórico e actual posse das diversas casas solaresngas.

Os interessados são muitas vezes os primeiros a recusar o seu concurso, prometido embora com bons modos, mas esquecendo lamentavelmente o cumprimento da promessa. A pundonorosa palavra dos antigos, que valia por uma escritura, parece ter hoje o precário e oscitante valor da moeda corrente.

O autor do livro «Estrangeiros no Lima», dr. Manuel Gomes de Lima Bezerra, que viveu na época do Marquês de Pombal, já em seu tempo intou com silênciosas dificuldades. E, para estabelecer a diferença de países e povos, cita a propósito, no prólogo daquela obra, as seguintes palavras do Conde de Vauroquier de Merincourt, autor do livro «Divisões Heráldicas»:

«Tenho a honra de prevenir o público de que não receberei qualquer memória que não traga franquia e não seja assinada e selada com as armas dos interessados; e só farei uso

GRANDEZAS D PADRÕES D PADRÕES D DO RIO LIMA

das memórias das pescas que assumirem o compromisso de receber a obra logo que ela apareça... para não ser forçado a succumbir sob o peso das despesas...»

Bom tempo e bela terra em que era possível fazer tais exigências com antecipado recebimento do custo da assinatura!

Entre nós os interessados não só evitam fornecer indicações, como até se não dão muitas vezes ao trabalho de lêr o que deles se diz, a não lhes constar que houve deturpação de factos ou crítica menos favorável.

Dadas estas explicações, prossigamos:

A LENDA DA DESNARIGADA

Socorremo-nos do interessante livro inédito do distinto investigador barcelense, sr. dr. Teotónio da Fonseca, «Pociras históricas», para a reconstituição da curiosa lenda que vai lêr-se. Ao norte da igreja parochial de Mazaréfas, freguezia do antigo termo de Barcelos e hoje pertencente ao concelho de Vianna do Castelo, existem ainda as ruínas dum antigo paço ameaçado, que num alto muro com portão em estilo clássico separa do adro.

Foi ali a residência do morgado e senhor do Couto de Mazaréfas, um dos mais importantes senhorios do Minho, a que se ligavam outras casas e coutos.

E PORTUGAL E NOBREZA E TRABALHO AO CÁVADO

Era possuidor do solar, em fins do século XVI, o fidalgo Rui Pereira, filho do dr. Gaspar Pereira, desembargador da Supplicação e instituidor daquele vinteno. Homem viajado e culto, fizera por três vezes a viagem à Índia, uma delas a pé, em virtude dos factos que vão relatar-se, e dessas viagens escreveu um roteiro ao tempo muito festejado.

Embora girando-lhe, ao que parece, nas veias o sangue do santo e bondoso Condestável, o nosso homem não lhe herdára as qualidades mas apenas os ímpetos ofensivos, e era de génio irritável, despótico e violento. Subido ao caseiro que não emprisasse o que lhe repuntava o seu dever; que lhe não pagasse das terras dos contos os quartos dos frutos, madeiras e matos; que levantasse casa de sobrado ou fizesse lagar sem sua licença; que não fosse pisar as uvas a sua casa ou não obedecesse prontamente a qualquer ordem dada, podia contar com severa e rigorosa preséssia, que começava por prisão em cárcere privado no mais escuro e lóbrego subterrâneo do solar.

Foram tais as suas façanhas que o benévolo Padre Carvalho, na sua «Corografia Portuguesa», chega a dizer: «Teve muitos crimes de que seus grandes serviços lhe adquiriram perdão. Perdão ou esquecimento, poderia-

mos acrescentar, pois o caso que vai relatar-se foi esquecido mas nunca perdoado.

Era o princípio duma noite escura de Agosto do ano de 1590, a lua muito baixa ainda no horizonte e a vaporização dum dia torrido ofuscando os contornos da paisagem e do casario, ocultando no espaço embaciado as próprias estrelas. Nove horas e meia. Do portal da casa de Mazaréfas, sorratamente aberto, saem alguns vultos embuçados que se escovam pelas sombras do caminho a ocidente da igreja, vendo-se reluzir por debaixo dos rebuços os metais das armas do tempo.

Não era fácil determinar o seu número, que se deveria elevar, no entanto, a uns oito ou dez.

Marchavam em silêncio, cautelosamente, prescutando as trevas, como se recensassem vêr surdir algum rasto de conhecido, que de certo pagaria bem cara a sua curiosidade.

Obliquando para sudoeste, sempre costosos às sombras dos muros e das árvores, pararam a distância de dois quilómetros, num sitio ermo e feio, onde alvejava a casa que fora do célebre vianense e grande amigo do Prior do Crato, Jerónimo de Alpoim, e que já então usava o pomposo nome de Paço de Vila Fria, onde se homiziara algum tempo o foragido D. António.

Encontravam-se no paço apenas D. Belizenda da Silva, viúva, sua filha D. Isabel, um rapazito de 13 anos e alguns criados. Quando no relógio da sala soavam as dez horas, ouviram-se nas portas fortes pancadas e vozes em grita intimaram a abrir, em nome da justiça.

Já deitados, os moradores acordaram em solressalto, e, como tinha havido prévias ameaças, a que não eram estranhas as intrigas duma das numerosas amantes do fidalgo, logo calcularam qual era a qualidade dos



Portico do Solar de Mazaréfas (Vianna do Castelo)

assaltantes, organizando-se uma rápida resistência. Os móveis foram removidos para reforçar as portas, mas os sitiantes, munidos de machados, em breve as despedaçaram, invadindo a casa.

Os criados foram barbaramente espancados e reduzidos à impotência, outro tanto sucedendo à infeliz viúva, que a um canto gemia aflitivamente, moída de pancadaria. Reboavam por toda a casa os gritos de so-



Palacete de D. Capitãdina Pinto da Fonseca (Barcelos)



O solar do Visconde da Barrosa, em Vila Franca (Ponte do Lima)



Outro aspecto do palacete de D. Capitulina Pinto da Fonseca, em Barcelos

corro, e entre tôdas sobresaía, aguda e lancinante, a voz da filha, nova e formosa, em



Imagem de S. Francisco no solar do Visconde da Cortegeça

quem os bandidos pretendiam saciar a sua bestialidade excitada. Mas, como a resistência se tornasse indomável, uma navalhada cortou cere e nariz da pobre rapariga. Os visinhos deram tento do alarido e acudiram em massa, pondo os malfeitores em fuga, mais para evitarem o serem reconhecidos que por mêdo a um castigo que o seu número e fôrça saberiam repelir.

O caso foi logo constado e a justiça de Barcelos procedeu a rigorosa devassa, saindo culpados o próprio Rui Pereira, seu primo Jácome Pereira, Francisco da Rocha Cardoso, todos os fidalgos, e os criados e apaniguados dêstes.

A sentença foi dada em 12 de Dezembro

daquele mesmo ano, sendo os plebeus condenados à morte na fôrça e os nobres a decapitação. Mas a fuga pô-los a salvo do rigor da justiça. Só Rui Pereira foi levado, em effigie, ao pelourinho de Barcelos, ordenando-se que da sua casa desaparecessem as ameias que eram símbolo de nobreza. O cruel fidalgo empreendeu então a sua viagem a pé, e por terra, à Índia, escrevendo o roteiro que se tornou famoso.

E, enquanto no pelourinho se realizava a ridícula larça da sua decapitação, Rui Pereira, são e salvo, alimentando na sua alma bárbara o desejo duma feroz vingança, recorria à proteção dos parentes e amigos do governador do Estado, conseguindo ser nomeado capitão de Mombaça.

Passados anos, já esquecida a sua culpa, voltava ao reino como capitão-mor da nau *Salvação*, que naufragou na passagem do Cabo da Boa Esperança. Escapando-se a nado, o capitão penetrou no interior, onde morreu às mãos dos cafres, epílogo condigno das suas façanhas.

D. Belizenda da Silva, a-pesar da tremenda

sova que levou na malfadada noite, viver ainda muitos anos, e a *desnarigada* D. Isabel não ficou tão feia que não fôsse ainda pretendida e requestada, vindo a casar com Francisco de Sousa e Menezes.

O rigor da justiça humana apenas se exerceu implacavelmente sôbre os desgraçados plebeus, comparsas a bem dizer inocentes na macabra scena e que sofreram a morte ignominiosa da fôrça, deles não restando memória, nem ao menos sendo o nome conhecido.

Mas «quem os mandou também, — pergunta com razão o sr. dr. Teotónio da Fonseca, — sendo o que eram, meterem-se em questões entre fidalgos?»

Não era certamente conhecido o adágio: «Quem as arma que as desarma».

Do paço de Mazarefes, além do portal em estilo clássico já mencionado, construído em data posterior, existem hoje a bem dizer só ruínas, uns velhos casarões sem qualquer característica de nobreza, servindo de moradia a caseiros, porventura descendentes dos plebeus que o ódio e a maldade de Rui Pereira fizeram conduzir à fôrça.

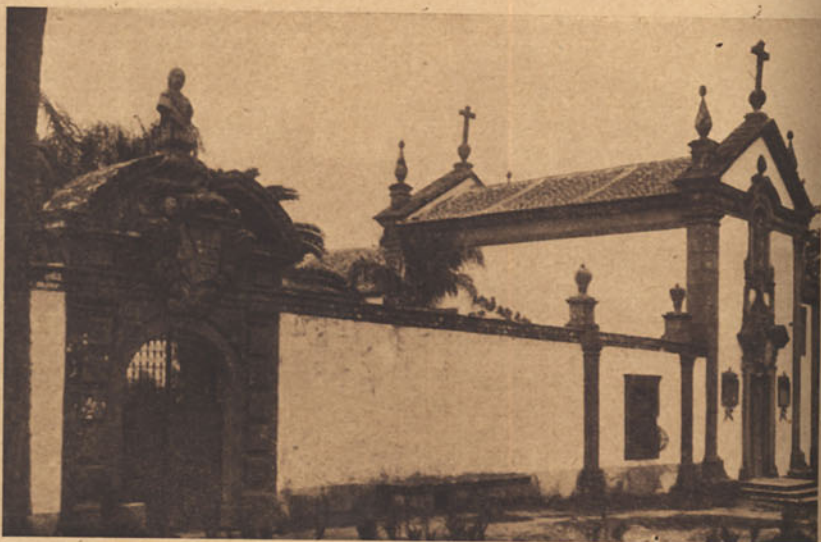
Parece que os descendentes do fidalgo, para expiarem os crimes do seu bárbaro antepassado, se fizeram fervorosos crentes, como o demonstra a seguinte legenda gravada em pedra por baixo do braço de armas do pórtico:

*Cantabo Domino, qui bona tribuit mihi.
Gaspar Pereira
(1674)*

UM PADRÃO DE TRABALHO

Quem da freguezia de Viatodos, a que já fizemos referência ao occuparmos da honra de Farelães, segue na estrada nacional para Barcelos, encontra logo adiante, e à sua esquerda, um magnífico palacete, de largas proporções, brazonado, mas de construção moderna, ou, pelo menos, todo restaurado e ampliado nos últimos anos.

É uma soberba e elegante construção que assenta no alto duma extensa colina, destacando-se soberanamente entre as casas circunvisinhas e dominando uma larga encosta por onde descem ramadas e vinhedos e se alongam campos de sementeira, até larga distância, quasi a perder de vista, dum e doutro lado da estrada.



Pórtico e capela do solar do Visconde da Barrosa, em Vila Franca (Ponte do Lima)

A fidalga moradia, que pertence à sr.^a D. Capitolina Pinto da Fonseca, do Pôrto, foi restaurada e colocada no actual estado de esplendor pelo falecido esposo daquela senhora, o ilustre barcelense conselheiro José Novais, antigo ministro franquista. Bordeja a casa um belo parque, bem cuidado, a que se segue um vasto pomar, sendo a produção da quinta, uma das maiores do Minho, de duzentas a trezentas pipas de vinho e de quarenta a cinquenta carros de pão.

Não corresponde, contudo, esta produção ao dilatado domínio, que bem cultivado poderia render muito mais. Os actuais proprietários, vivendo quasi sempre no Pôrto, entregam o cultivo das terras a criados e caseiros, como geralmente acontece com outras propriedades minhotas, não havendo a acarinhá-las, a torná-las pródigas e fecundas, a mão amorável do dono.

Numa província onde o parcelamento da terra é um dos factores que mais influem no atraso da agricultura, tudo subdividido em pequenas leiras, estreitas faixas de terreno, cuja cultura não compensa muitas vezes o esforço empregado, este vasto latifúndio poderia constituir realmente um padrão de trabalho se as negações da vida cittadina não amolentassem as energias dos herdeiros dum trabalhador honrado e inteligente, dum grande patriota.

OUTROS SOLARES

Seguindo de Mazarefes em direcção a Ponte do Lima, encontra-se na freguezia de Vila Franca, num cêrcio de extensas ramadas de ferro e denso arvoredo, a casa senhorial dos Sansas Machados, hoje pertencente aos sr.s. Viscondes da Barrosa, de Viana do Castelo, senhores de largos domínios em diferentes freguesias da província.

É uma espaçosa residência, de severas mas imponentes linhas, cuja construção deve remontar ao século XVIII, como o atesta a data de 1730 num dos cunhais da capela. Desvia-se um pouco da estrada actual, ficando o pórtico e a fachada voltados para um largo fronteiro sombreado de velhas árvores, por onde antigamente devia passar a principal via de ligação entre freguesias. É um sítio pitoresco e tranqüilo, onde apeteceria passar algumas



Solar do Visconde da Cortegaça (Ponte do Lima)

horas na grande calma da Natureza, *sub tegmine fagi*, como dizia Vergílio.

Mais adiante, em Cortegaça, encontra-se, mesmo a fazer com a estrada, o portal doutra casa antiga, pertencente ao sr. Visconde do mesmo título, mas em que mal se vislumbra rêsseaios da primitiva construção. Apenas um braço de armas encimando o portal, onde constitui um evidente enxerto, e dentro, passada a porta principal, ao fundo dum largo pátio, um nicho com uma velha e curiosa imagem de S. Francisco, na apostura de receber as chagas dum Cristo alado suspenso no alto do nicho. A cimalha, de sabor clássico, é um remendo posterior, visto que na penha há modiflhões caracteristicamente românicos, estilo a que deve pertencer a imagem.

E não encontramos em livros, nem nos pode ser feita por caseiros brancos, outra qualquer referência histórica a estas relíquias duma velha moradia senhorial.

AOS INTERESSADOS

Quando iniciámos a publicação destes singelos e desprezenciosos artigos, apelámos

para os interessados a fim de que se dignassem fornecer-nos, não só indicação dos solares e seu local, mas ainda quaisquer esclarecimentos históricos ou architectónicos.



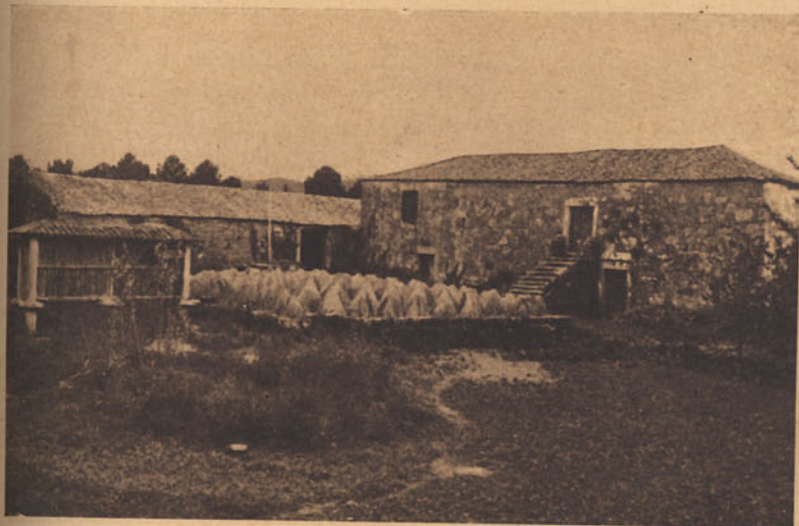
Braço de armas do Visconde da Cortegaça (Ponte do Lima)

Só três pessoas acudiram ainda ao convite, uma de Barcelos e outras duas de bem longe: de Angola e de Gôa.

Não fazemos como o linhagista francês, que exigia memória detalhada, com a rúbrica do braço de armas e assinatura forçada da publicação. Mas parece-nos que o estudo em que andamos empenhados deveria interessar os actuais possuidores das velhas casas nobres, por herança ou aquisição, e nada mais natural, portanto, que a sua colaboração nesta obra que reputamos patriótica.

Para evitar desvios ou atrasos, tóda a correspondência deverá ser dirigida ao segundo signatário:

Sousa Martins, Travessa Fernão de Magalhães, 50 — Pôrto.



Restos do Paço de Mazarefes (Viana do Castelo)

REINALDO FERREIRA.
SOUSA MARTINS.



OS MESTRES DA MODERNA PINTURA ESPANHOLA

CARCELERA — POR JÚLIO ROMERO DE TORRES

OS IRMÃOS ZULOAGA

UMA INÉDITA FOTOGRAFIA DOS DOIS ZULOAGAS E A RECORDAÇÃO DA VISITA ÀS SUAS CASAS DE SEGOVIA E ZUMAYA

A fotografia que ilustra esta crônica é inédita e seria disputada pelas revistas espanholas se dela tivessem conhecimento. Devo-a à bondade dum amigo de Bilbao e tenho-a conservado pelo interesse de reunir os dois Zuloagas, Daniel e Inácio, picador em seu *peuco*, o primeiro, peão munido de *capote*, o segundo.

Os dois grandes artistas da família Zuloaga, ceramista o tio, pintor o sobrinho, partilhavam do entusiasmo que muitos intelectuais espanhóis sentem pela festa de toiros, como Ramon Perez de Ayala, Romero de Tórrès, e tantos outros. E, nas horas livres da obra que legam, entregavam-se os Zuloagas à diversão tauromáquica, honradíssimos.

Há poucos anos, e no espaço de poucos meses, visitei as casas dos Zuloagas. Em Segóvia a de Daniel, numa velha igreja da cidade do aqueduto e dos vetustos monumentos de notável arquitectura. Era um templo abandonado, e o grande ceramista aproveitou-o para trabalhar em tão solene ambiente, aproveitados os vitrais por onde a luz penetrava em tons de colorido magestático, guardadas de *apauzes* as paredes seculares, aproveitadas as ogivas e tôdas as belezas em ruína.

Mas como é creença que não será feliz quem profana os templos, ainda que abandonados, poucos anos gosou Daniel Zuloaga o encanto



O ceramista Daniel Zuloaga (a cavalo) e seu irmão o grande pintor Inácio Zuloaga, numa tenta

da velha igreja que, afinal, não profanou, porque as suas cerâmicas sabiam respeitar o religioso local, por perfectas e artísticas.

Quando visitei a casa de Inácio, em Zumaya, já o tio Daniel não pertencia ao número dos vivos.

Foi, talvez, por isso mesmo, que tôda a mansão tinha um ar pesado e triste. Na desembocadura do rio Urola, em Zumaya, está a casa do pintor que os novos começam ne-

gando mas que tôda a Europa e América, não há muitos anos, consideraram dos maiores.

É um *caserio* vasco, preparado para os ventos do Cantábrico, telhados e janelas no estilo da região, sóbrio e robusto.

Por tôda a casa móveis raros, louças de Talavera e jarros de Segóvia, os jarros que o tio Daniel pintava, e velhas cadeiras de couro, arcas patriarcaes, e, pelas paredes, telas valiosíssimas dos mestres — só dos mestres, porque na casa de Inácio Zuloaga não há um único quadro do seu proprietário.

Os melhores Grecos tem-nos, talvez, o grande pintor espanhol que triunfou em Paris e enriqueceu na América. Recordo *A tentação de Santo António, São Cristóvão* e outras maravilhas do mago de Toledo.

Entre tanta beleza trabalha Zuloaga e, quando sente a necessidade de respirar o ar livre, desafia os moços vizinhos para um partido de *pelota vasca*, apostando um *balcáo*, que vão comer fartamente, com essa fraternidade característica dos bons vascos.

Se para o mais velho dos dois artistas, tão bizarramente fotografados, não fallou o mau prenúncio de habitar um velho templo, para o segundo, forte e capaz de viver muitos anos, de nada vale a antiga ermidã que se ergue junto à casa de Zumaya, a distância bastante para não contender com a vida tranqüila de Inácio Zuloaga.



A casa do pintor Zuloaga

ROGÉRIO PÉREZ.

IMPRESSIONES MADEIRENSES

MANUEL DE SOUSA

ALEGRIA

(O MAU TEMPO)

Mais do que S. Miguel dos Açores, estas terras da Madeira, eriçadas de cumes, oferecem aos olhos extasiados de quem observa, o espectáculo deslumbrante duma successão de píncaros. Ilhas que Deus criou para engastar em oceanos sem fim, suas terras revolvidas por conyulsões e de formação dolorosa abrem-se em vales profundíssimos. Por tôla a parte abissimos; por tôla a parte as tôrres negras das serras que attingem ou trespassam as nuvens. São duras de subir algumas ruas do Funchal, como difficeis de trepar são sempre os caminhos que o homem teve de abrir no corpo duro das rochas e dos montes, para lutar e dominar a natureza adversa, sófrega de seus mistérios. Descendo montanhas, semeou casais até junto das ribeiras; retalhando encostas, abriu degraus que depois coloriu com o verde da vegetação. E por tôla a parte construiu, por suas mãos, os muros brancos das levadas, água umas vezes tranqüila, outras vezes cantante, correndo em velocidade.

Fêz mais: povoando todo o litoral da illa, pintalvou-o a pequenas manchas vermelho e branco da casaria dispersa, mas consentiu em conservar-lhe despovoado o interior. Contraste que em mais nenhuma parte se encontra, êle que trepou até pontos quasi inacessíveis, deixou para cathedral de recolhimento e resas, essa serania imensa onde o vento é voz única a afagar e a beijar o silêncio.

São léguas e léguas de lugares ermos. É o Ribeiro Frio; é o Curral das Freiras; é o vale da Lapa de Santa Ana, e mais, e muitas mais. A visita é difficil porque até lá ainda não abriam estradas por onde possam transitar automóveis. Isto indigna os ingleses que arribam à Madeira e proclamam-no os antipáticos guias de turismo, que não poupam adjectivos duros de ouvir à inércia portuguesa — êles os endinheirados. Escutando mesmo amissades preciosas de sensibilidade elas também dizem fatigante a digressão, embora recomendem interessadas ao meu embotado espírito de vagabundo das cidades, o Paul da Serra, planalto quasi despovoado e sem culturas, e descrevam a belésa fécrica dum sitio adusto onde foram apriionadas as águas de vinte e cinco fontes, rochedo cortado a pique, mas aberto em meia laranja, a rever água e a jorrar água sem um minuto de descanço, dia e noite, meses e anos, ininterruptamente, inesgotavelmente. Verão e inverno, o ruído é sempre igual: canção que embala e adormenta. Não é pinga-a-pinga; são factos das fontes que os pseudo-civilizados ridiculamente copiaram para seus jardins pretensamente sumptuosos.

Enquanto me falam, passam visões ante os meus olhos. Vejo a terra a arder; oiço o fragor dos cataclismos que reduziram a restos ainda hoje grandiosos, territórios infinitamente maiores e mais grandiosamente acidentados. É tudo, e tudo, e principalmente as difficuldades, me resolvem à excursão. Suporto três horas do

berço incómodo que é o vaporsito que me leva até à Calheta, e arrisco-me a um desembarque primitivo, como é primitivo tudo quanto se afaste do perímetro do Funchal, a cidade-escrava do turista inglês. Do vaporsello largam a meia dzia das oscilantes tábuas dum barquito que há de deixar-me em terra, e eu imagino-me o descobridor dêste logarejo de casas

pobres. Nem um troço de muralhas, nem um bocado de cais. O barquito é atirado contra os calhaus por uma onda mais alterosa, e tanto pode voltar-se como alcançar milagrosamente a lista pedregosa duns dois metros, que o mar, desdenhosa e irónicamente, abandonou aos cuidados do homem deligente...

Uma vez em terra, exponho meu propósito de abalar de seguida para o Rabaçal, o lugar dessas vinte e cinco maravilhosas fontes, mas continuam a dizer-me difficil o acesso. E como se vivessemos, ainda, a hora da escravatura, alvitram que eu faça em rêde todo o trajecto. Ante mim, e com sorrisos de humilde subserviência, estão os homens de aluguer. Velhos antes da idade, trinta anos aparentando cinquenta, as rugas dizem de caretas de fadiga; o



Ponte sobre uma levada em Santa Ana



Vista da praia de Fajã da Arca, em São Vicente

corpo esmarrado nesta as fomes dum trabalho mal remunerado. As caminhadas esburgaram-lhe os olhos; abaulados de espinha parece curvarem-se ao péso de qualquer maldição. Fazem preço: gasta cem escudos, patrãozinho. Resolvo dispensá-los, e há espanto em seus olhos: O hábito da profissão quebrára-lhes revoltas, e não me compreendem. Mais um minuto, e a minha sempre acesa rebeldia acabaria por torná-los odiosos em sua insensibilidade moral.

Aqui, como em toda a Madeira, com poucas variantes, a paisagem da Calheta forma um todo igual: lombas de montes semeadas de casais de paredes brancas e telhados vermelhos; plantações em degraus a descerem até vales apertados. Faço as minhas primeiras horas de subida, e o caminho não termina. Vou ao longo duma levada de águas sorridentes, a correrem apressadas, não estejam sequiosos os campos... Perspectivas de serras; montes... Continuo a subir. A estrada é calvário a desafiar a minha teimosia de ir mais além, sempre mais longe.

Mais horas. Vagarosamente o tempo vai doando os minutos. Deixo a estrada para seguir um carreirô aberto a meia encosta dos montes. Alongo os olhos: serra brava e precipícios. É então que começo cruzando com os homens que regressam aos casais. Transportam nos ombros, cargas de fetos, fardo tão grande que lhes cobre as costas e cabeça; outros passam vergados de rins sob o péso dum tronco de árvore com dezenas de anos. Eles aqui fazem tudo, sem o auxílio do animal. Pismo da sua agilidade. Vem subindo uma vereda talhada a pique, certa figura tósca de escravo de antigas lendas.

O trabalho é duro. Meus olhos tinham fixado aspectos dos campos que rodeiam o Punchal, férteis e fáceis; o meu caderno de notas guardava impressões duma indolência do trabalhador rural ajudada e desenvolvida pela fertilidade do terreno. Reformo essa nota, e carrego a tintas negras essa primeira impressão dum trabalho sem causeiras: tudo mudou de as-

pecto. A terra é ingrata, recusando tudo. Alguém que passa junto de mim, trás sinais de provações nas rugas fundas do seu rosto dolorido; as mãos crispam-se à dor física, como amaldiçoando sem descanso. Interrogo. A aspiração máxima é fugir desses lugares, e para bem longe, — para essas paragens úberes das Américas, ou para o trabalho bem recompensado das Áfricas. A propriedade dividida em porções quasi minúsculas, obriga-os a tarefas das mais ingratas.

— E passa-se muita fome, meu senhor!... — diz um dêles, figura precocemente envelhecida: vinte e cinco anos amarfanhados pela luta entre o amor à terra linda de sua Pátria, que o prende ali, e pelos sonhos de riquezas que a toda a hora o incitam a demandar longínquas paragens: — Na roda do ano, se não fôsse o milho e a batata doce...

A seu lado descançou uma mulher. As causeiras uniformisaram o tipo. Por momentos recebo a impressão dum homem em trajos femininos, os pés espalmados e enormes. Fala a mesma linguagem: — Casar foi um mal; aumentaram as dificuldades... E a fecundidade a fazer ainda mais difícil repartir o pão, que mal chegava já...

E os outros; e todos... — Temos de fugir. Mal casamos, temos de fugir. — E narram separações, meia dúzia de dias após o casamento, êle, o noivo, abalando para o Transwal, e ela trabalhando de costura, ou lidando no campo, para seu sustento.

Trá-los de pé a mania arreigada de melhores dias. Aqueles que ficam são bestas de carga, animais alugados a tanto por hora. Por isso toda esta gente é arisca, mal arriscando saídas. A fraternidade que há nas palavras, não a compreendem ou não a aceitam, tão doloroso é o convívio. Eles próprios não se reconhecem, — aspirações em luta aberta contra a mesquinhez de sua existência.

O visinho regressou rico! Quando chegaria a hora dêle partir também? O desconhecido acena

mãos de compôr afagos, e êles correm, mas para que façam o regresso e lá fôra certo anjo tutelar, reconforte seus desânimos, deixam pelo casamento bem presa a êles, a amigueta de infância com quem bricaram em adros de igreja, ou a mulher já feita que os encontraram em certa romaria de Nossa Senhora Mãe do Homem...

Queria ouvi-los mais, mas outra tragédia não têm. Despedem-se, e as amigadas solteiras que me rodeiam, previnem-me de que é necessário chegar à serra, antes do pôr do sol. Ficamos essa noite na casa do Rabaçal, casarão hospitaleiro do governo da Ilha, sempre aberto ao viandante que pede abrigo. Espalhados por toda a Madeira há mais uns tantos em sítios espairecidos e para quem se obrigue a atravessar centros despovoados.

Vejo carinhosa a idéa, e avalio do alvoroço com que, a horas de desânimo da luta contra a escuridão inimiga, se há-de avistar o quadrado iluminado duma janella propícia, bom lume na lareira e um leito de lençóis alvos onde repousar o corpo alquebrado de fadiga.

Alongo olhares: A minha volta cumes que se metem uns nos outros, fechando perspectivas; água correndo nas levadas; e precipícios, sempre precipícios. A vista adormenta-se; rodamia fundos de vales profundíssimos. A meia dúzia de passos, abre-se a bocarra escancarada dum túnel. E então pismo da energia daquelas gentes que persistentemente resolveram o problema do abastecimento das águas, dispozo apenas de ferramentas primitivas. A construção das levadas foi tarefa de gigantes tracejando toda a ilha, há léguas e léguas desses murositos brancos, debruçados sobre abismos; há túneis perfurados a picaretas, e só para que as águas continuem correndo sem desvio. Tudo o que a mecânica complicada exigiria hoje anos para estudos, resolveram êsses homens de outra forma com trabalho infatigável e vontade de ferro. Este furadoiro tem algumas centenas de metros. Aqui a abertura é enorme; lá ao fundo

é alfinetada nas trevas, ponto luminoso, luzinha de altar.

Acendem-se os archotes de urze ressequida, porque tudo aqui é simples e primitivo. Caído da abóbada, como cabeleira verde das pedras, fetos e avencas centenárias das humidades sombrias. As paredes ressumam água; caem gotas, pingue-que-pingue, como se toda aquela terra fôsse espremida por mãos crispadas. Faço a primeira centena de passos, e o ponto luminoso que é a outra abertura do tunel permanece minúsculo, marcando a grande distância a percorrer.

O círculo vermelho do clarão do archote mal chega para nos indicar onde corre a levada, e guardo silêncio porque tudo me é desconhecido. Surge o primeiro precalço. A meio caminho extingue-se a luz que nos guiava. O vento que assobia neste corredor fizera que a chama depressa consumisse a urze seca. Trevas.

Então o caminho tornase doloroso, inquietante. Gracejamos uns com outros, mas a escuridão é completa, e separa-nos. Nós e o negro da noite daquelas paragens; nós e a sensação de que vai abrir-se um abismo a nossos pés, pronto a tragar-nos. A terra encharcada que pisamos torna-se lama fétida; a imaginação põe ali reptis disformes de cabeças repugnantes. As arestas das pedras que tocamos, são escamas de monstros; tacteando o mimoso da levada, arrepios friorentos percorrem-nos até a medula, como se nossos dedos tactassem cadáveres. Apetece-nos gritar, mas logo ficamos recebendo da nossa própria voz; tentamos um gracejo, e as palavras soam entameladas, fúnebres.

Como farol em noite de trevas, tornam-se apenas nossa esperança, o orifício branco do fundo do tunel. Para lá caminhamos mas a luz não se abre, e não tem fim a caminhada. Um minuto que passa, é ali eternidades.

É então que se apossa de mim o desejo de correr, de fugir e para bem longe daquele pesado. Mas como nos sonhos de quando ançamos voar e nos sentimos presos, a corrida é impossível naquele terreno escorregadio. As primeiras passadas, mais largas, perco o equilíbrio, é o desconhecido. Apaga-se a sensação de que atravesso um tunel, para me possuir a certeza de habitar um mundo diametralmente oposto àquele em que vivera. A meu lado tanto podem viver monstros, como haver tesouros escondidos, ou espíritos enfeitados.

É depois, quando estamos a poucos metros do fim do tunel, que começamos encontrando o sabor inédito daquela travessia sem perigos, só a imaginação a fazê-la arriscada. A luz que vem chegando até nós, é júbilo de alma: apetece-nos sorrir e cantar. Desembocamos em terreiro aberto em falda de monte, acima das nuvens e tão próximo do céu!...

Píncaros altíssimos; e como toalha mui alva de altar, o nevoeiro espesso, que ficara todo a meia encosta das serras, é chão macio em que apetece brincar. Mansão de fadas ou residência favorita de serenas, certamente às primeiras horas da manhã as veremos ali cabriolando e rindo, para depois se precipitarem no oceano que ao fundo se divisa. Com aquele paquete de arminho a cobrir fundos de abismo, a paisagem é esplendorosamente bela. O que perdera em imponência ganhára em ternura, mas sem roçar pela pieguice que a tornaria ridícula. Sobre terras feitas de luar, construíram-se castelos de rochas. O oceano embala tudo com a canção das suas ondas — e como o homem não chega até ali, haverá horas de encantamento em que as almas das virgens que morreram de amor virão fazer as suas orações nessa catedral imensa da natureza, pedindo a Deus a ventura máxima para quem as fez morrer...

A vereda que seguimos agora, é tão estreita que não consente duas pessoas a par. Abismos.

A terra foi aqui e além soerguida por mãos dum gigante enlouquecido. São vales profundíssimos cortados a pique. As próprias cabras da montanha, assustadas a nossa passagem, escolhem caminho por onde descer. Há encostas escavadas, e outras atapetadas com o verde das urzes centenárias, que formam floresta. Inquiri do contraste. Meia dúzia de anos antes, os pastores da serra lançaram fogo às matas, e o incêndio lavrou por todo o interior da ilha...

— Malvadez?

— Dificuldades de recolherem os gados. Aqui lançam-no à serra, e reúnem-o em determinadas épocas. As árvores dificultam a perseguição!

Senti ódio ao homem iconoclasta, só procurando a Natureza para lhe diminuir a grandiosidade. E como meu espírito já tivesse formado o conceito de que nenhum d'elles soubera compreender e interpretar o espectáculo que meus olhos observavam amorosamente, eu quisera ronbar a todos o direito de chegarem até aqui.

A levada continua correndo à nossa beira, mais um tunel, mas éstes de meia dúzia de metros apenas. Tempo depois avisto certa pincelada vermelha sobre o verde carregado da vegetação. É a casa do Ralaçal, pousada acolhedora dos viandantes da serra.

Tem um ar carinhoso. Imagino como em noites de inverno dura, e à luz de relâmpagos, ela há de ser a terra de promessa dos peregrinos exaustos. Pelo seu ar acolhedor de ermida, invejo-a para local das minhas orações — eu que não sei rezar! — e quanto mais me aproximo com mais ternura a reneiro. É lugar onde eu morreria sem revolta, ofertando enamorado meu corpo à terra magnífica que tão belas florestas fizera nascer, e se rodeára de tão religioso silêncio.

Abandono a vereda, para fazer os meus primeiros passos na estrada pequena que me há de levar ao terreiro onde a fizeram construir. Noto imediatamente cuidados de trato. Nem uma folha no chão; os arbustos fazem avenida. Anoi-tecera. O silêncio é ainda mais profundo.

— E o guarda a chamar o cão. Ouvii passos, e não quere que êle ladre.

Trepámos escadinholas e desembocámos em terreiro desafogado. A receber-nos lá estava o guarda, figura esguia a recortar-se no lusco-fusco dum começo de noite. Sinto-me examinado, e não posso examiná-lo.

— Que Deus vos traga em boa hora.

— Boa noite.

As palavras d'êle adivinharam-se melhor do que se ouvem. Recebo a impressão de que não sabe pronunciar-las, tão pouco as usa para falar com o silêncio.

— Três quartos?

Um dos meus companheiros, por habitar, há muito, na Madeira, entende-o melhor, e vai falar-lhe. Este escuta-o sem interromper, como servo obediente que recebe ordens definitivas.

— Queremos ceiar do farnel que trouxemos, e convidamo-lo a ceiar também.

É necessário traduzirem-me as palavras porque não entendo a língua que êle fala. São apenas sons, mais ou menos prolongados, mas apenas sons. O homem começa a interessar-me pelo ineditismo, e insisto para que venha ceiar connosco. Não consigo arranjar resposta, embora o vá seguindo até à cozinha onde se encarceram cinco fornalhas de casa rica. Compreendo agora. Era também a hora da sua ceia: uma tijela de caldo fumegava. Ao lado a brã de milho de tôda a Madeira.

É depois de terminada a sua frugalíssima refeição, que êle toma assento à nossa mesa. Continua, porém, não tendo palavras. Fita-nos apenas, e é então que o remiro. Os olhos são tranquilos, amortecidos de expressão; o rosto não tem qualquer ruga de definir um carácter.

Tudo êle é igual. É um homem; apenas um homem. Surpreendo mesmo em seus olhares certa doçura e solicitude de quem consegue extrair prazer da circunstância ocasional de ter alguém por companheiro, embora êle não lhe fale, e menos o compreenda.

Estendo cigarros, para estabelecer palestra. Quanto mais o examino mais calejo do sabor primitivo do seu falar. Ele agradece com slabas soltas que não consigo juntar. E nem mais uma palavra. Tem apenas ouvidos, e uma vida intensa que seus olhos traduzem por curiosidade. Adivinho que não nos entende, mas teima em escutar, tal qual escuta o ramalhar das árvores, o cair da neve, a chuva, o soluçar do vento...

— Fume.

É então que cresce a minha curiosidade. Reparo que êle espalhou uma das mãos, ossuda, enorme e que deposita nela, cuidadosamente, a cinza do seu cigarro. É operação demorada. Durante minutos deixa de fumar, e só quando a cinza totalmente esfria êle se resolve a depositá-la num dos cantos da sala, mas também cuidadosamente...

— ?

— O incêndio... o incêndio...

Esboça gestos, como aterrorizado, e tão infantil como infantis são as palavras. Ergue um pouco o braço, a mão esboça uma curva leve, e é sempre assim. Significa terror, como depois o mesmo aceno lhe serviu para significar alegria...

— Foi em 1919... Eu vi. Foi um homem, longe... Deitou fogo. Eu vi. Estava muito longe... mas eu vi. Era um homem...

Sabendo já que os pastores, combinados entre si, à mesma hora tinham incendiado as florestas dos mais opostos lugares da Madeira, não me demorei a inquirir do facto. Só havia o interesse pela narrativa, a mais curiosa certamente. Ainda receei não poder arrancar-lhe mais quais-quer palavras, mas se tôra difícil fazê-lo falar, agora discorria sem necessidade de incitamentos, e até por forma compreensível. Repetia:

— Foi em 1919... e eu estava só. Vi o homem e depois o fogo, que saltava de árvore para árvore que nem gato bravo. Três dias durou, três dias! Eu preparei a defesa; preparei tudo! Eu só! Havia água, e foi só encher os baldes...

Um risinho seco de sarcasmo contra o fogo, como a castigar-lhe a vaidade da onnipotência, e os mesmos gestos: um erguer de braço, e a mão ossuda, enorme, a esboçar uma curva leve...

— O fogo vinha daqui, e eu vá de deitar-lhe água; vinha de além e lá estava eu já preparado. Nunca me apanhava desprevenido. Olhe, meu senhor! Que tudo isto eram chamas à roda, e eu vá de deitar-lhe água para cima. Que eu sou o mais forte!

A voz tem sempre o mesmo tom plangente. Recordação única e espectáculo único, sorri. Bebe para molhar os lábios...

— ...Que eu salvei isto. Ao segundo dia, já dum lado estava apagado o incêndio, veio um cunhado meu cá cima a dizer que a minha irmã morria com choro. E queria levar-me de gacho! queria que eu abalasse pela levada tôra e abandonasse esta casa!...

— E foi?

— Qual! Eu queria lá saber da minha irmã! Quando isto... quando a tasca ardesse ficava menos um homem no mundo, foi o que respondi ao meu cunhado. E cá fiquei! eu só! Foram três dias! Eu a brincar com o fogo, e o fogo a brincar comigo! Mas venci eu! Que eu cá sou rijo, Eu podia lá abalar! E então isto? Se eu abalasse ardia tudo!

Pit-o. A narração engrandece-o. Ganhou maior estatura. O dever emprestou aos seus olhos um luaceiro de heróicidade. Desapareceu

o falar de criança, e seus gestos tímidos. Recôo em épocas. Vejo o viver de quando os homens sem preocupações de civilizados me falavam do dever e da honra com a sonoridade das rajadas, e nunca em taras, nevroses, ópios e cocaínas. A figura dele ergue-se ante mim a toda a altura dos que acreditam haver para eles uma missão na terra, e não vacilam em sacrifícios, antes os procuram conscientes do seu orgulho em proceder por forma diferente da maioria.

— Que todos conheciam a minha força. O Manuel Augusto, o chefe da levada, dizia: — Se a casa ardesse, o «Man-Tempo» (eles cá chamam-me assim) o «Man-Tempo» vinha cá dizer... — E não faltava.

— Então foi o senhor...

— Foi eu! A serra é minha! Salve-a eu! A serra é minha! Tudo isto é meu! Há quarenta e oito anos que estou aqui. Aos seis já cá vinha com o meu pai, que serviu aqui cinquenta e cinco. Conheço isto a olhos fechados.

— Estarreo. Imagino dos dias intêrminos e das noites como esta, em que os únicos ruídos são os cantos das cigarras, dos grilos, e a melopeia das águas — a água a correr pelas levadas, sempre com a mesma plangente tonda...

— Quarenta e oito anos... Ah! Ah! Ah!

O mesmo riso seco, o riso comentário do espanto que ele certamente vê nas minhas atitudes: — Quarenta e oito anos de trabalho, e três mil réis com mais seis tostões por dia. É quanto ganho. Três mil réis com mais seis tostões!... Ah! ah! ah! Agora quando eu morrer, é que vou rir. Não há ninguém que queira vir para cá. Ninguém! Nem mesmo os cantoneiros da levada.

— Quarenta e oito anos, e sempre sózinho?

— proponho eu. Festas, dias solenes, sempre aqui? E os seus Natais?

— Quando eu era solteiro (que eu agora sou casado) passava-os à lareira. Tocava viola, cantava... e a neve caía. Eu só. Eu e o lume. Que o lume é meu companheiro. Se estava aborrecido, olhava para as labaredas... Algumas vezes dançava... dançava agarrado à viola... E cantava... E o lume dançava também.

— Mas agora, casado...

— Sim! passo-os aqui da mesma forma. A minha mulher vem cá, mas eu aborreço-me, e ela aborrece-se. Depois abala. Que eu tenho casa na cidade, na Calheta, mas não gosto dos ares. Passo mal! Há muita gente nas ruas.

Formam a «cidade» da Calheta, umas dúzias de casais espalhados pelas lombas, e gente que vive muito consigo pela labuta de sol a sol. É tudo primitivo: seres e coisas, apenas a taberna para ponto de reunião...

— Mas não passa também muita gente por aqui? Não há mesmo quem fique dum dia para o outro?

— O ano passado, vinham. E até cantavam e dançavam. Mas as décimas subiram e o vinho está caro, e agora pouca gente passa, e pouco se bebe. Ainda não há muito tempo estive 27 dias sem ver viva alma. Vinte e sete dias a comer só mogangas. Quando foi o incêndio...

É ele volta a rememorar as labaredas de quando a serra era fogueira colossal. Saltavam que nem gato bravo! Esquecido do que dissera, volta a repetir as mesmas palavras, esboçando os mesmos gestos. É assunto favorito, talvez para ele sua única razão de vida. Já conhecidos os pormenores, não lhe dou agora toda a minha atenção. Fala, e volto a não compreender as palavras. É voz monocórdica que escuto sem

ouvir. A espaços retine a gargalhada favorita, que é comentário para mágnas, ou para heroïcidades. Riso e ingenuidade à figura é de outrora.

— E como se chama?

— Manuel de Sousa Alegria, o «Man-Tempo».

— Alegria, Man-Tempo...

Por minha vez sorrio do contraste, mas logo emudeço porque o sorriso podia ser mal interpretado. O velho fita-me com olhos interrogadores, a mim que o fico admirando como uma das figuras mais curiosas que tenho encontrado em minha vida, e emudeço. Faz-se um silêncio largo. Satisfeita a curiosidade, o cansaço de todo êsse dia vai amodorrando-nos.

— Boa noite, meu senhor...

— Boa noite.

...E no dia seguinte calcurreava a serra por entre tuncéis de urzes colossais, abraçadas pela ramaria. Visitei a «sala do risco», penhasco altíssimo de paredes a pique escorrendo água; demorei-me nas «vinte e cinco fontes» uma hora bem larga interessado por aquele complicado jôgo de águas, que os meus olhos estúpidos de civilizado admitiram um momento preparado por engenhosos mecanismos. Tudo me encantou, mas nada me estarreceu. É que muito maior do que a serra; mais forte do que a própria serra eu via aquele velho que entregara sua vida ao dever, desterrando-se voluntariamente naquele ermo, tal qual os santos dos contos de minha mãe, convivendo com árvores e sabendo ensinar animais.

— Quarenta e oito anos de isolamento, e três mil réis e mais seis tostões de ordenado por dia!... — Estarei eu em pleno século XX?

(Folhas Perestrelos.)

ASSIS ESPERANÇA.



Serranias no interior da Ilha da Madeira



A DIALOGO ENTRE DUAS FLORES

ROCHA 1929

Um jardim. No mesmo canteiro, conversam, batidas pelo sol dourado da manhã, uma rosa branca, modesta, quâsi imaculada, e um cravo vermelho, altivo, impertinente.

CRAVO

Para onde estavas a olhar, rosa branca?

ROSA

Para onde o vento me voltou. O vento... o nosso eterno inimigo!...

CRAVO

Não gostas do vento?

ROSA

Não. Faz-me empalidecer ainda mais. As mulheres também o detestam.

CRAVO

Mas os homens adoram-no.

ROSA

Porque é indiscreto.

CRAVO

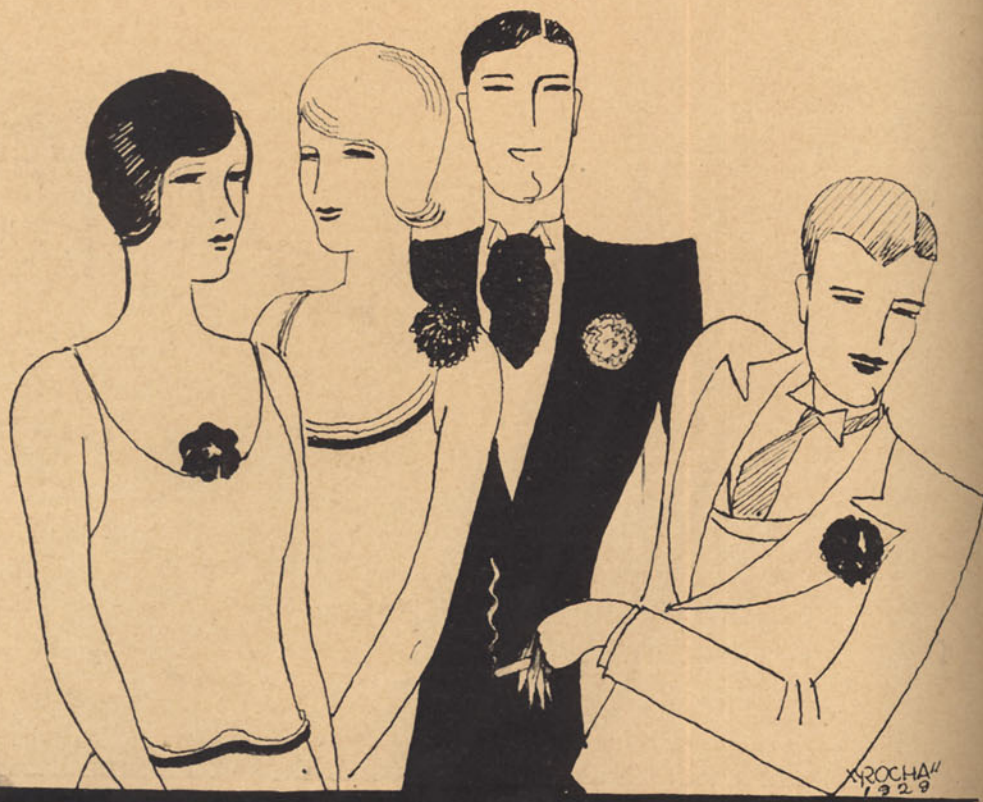
Porque lhes revela lindos segredos.

ROSA

Eu odeio-o porque nos abre as pétalas tanto, tanto, que quâsi nos deixa a alma à mostra.

CRAVO

As mulheres mostra o resto das pernas. Aquele pequeno resto que a última parcela de pudor ainda as obriga a cobrir.



ROCHA 1929

ROSA

Que sabes tu de mulheres?

CRAVO

O que tenho ouvido aos homens quando me levam na lapela, e até o que lhes ouço a elas, quando malgum baile, põem a nota rubra da minha cõr sôbre o branco da sua pele. E olha que às vezes, se não fôsse vermelho... cõrava.

ROSA

Não gostas das mulheres?

CRAVO

Não. Gosto mais das rosas.

ROSA

Lisongeiro...

CRAVO

E tu?

ROSA

Eu gosto muito das mulheres. Os homens são piores, muito piores... As vezes até são êles que fazem as mulheres más.

CRAVO

Falas como uma mullher.

ROSA

E tu pensas como um homem.

CRAVO

Ê que eu conheço bem as mulheres. Tudo nelas é falso, o seu riso, as suas lágrimas, a sua bondade e o seu amor. Ê tudo mentiroso e mau. Eu conheço-as, minha amiga. Tenho passado dias nos seus *boudoirs*, vejo-as bem, tal como são, e bem sei como elas mentem, como elas enganam, como representam com os desgraçados homens a comédia do amor. Nas mulheres tudo é vaidade. Sabes porque elas preferem as flores vermelhas? Ê porque vêem na nossa cõr uma homenagem ao rubro dos seus lábios... e afinal, são elas que se pintam... Sabes lá como as mulheres são más...

ROSA

Tolo! Sabes lá como elas sabem ser



boas!... Desta mesma roseira algumas rosas têm sido cortadas por mãos de mulher... Com que cuidado... com que cautela... com que ternura! Sabes lá... Olha: Vês aquela janela além, aquela pequenina, ali defronte? Aquela roseira que lá vês, dá rosas brancas, tão brancas como eu. Ê uma mulher que a trata, que a rega, que a acarinha... Tem sempre flores, talvez por gratidão à santa jardineira. Ê linda, triste, pálida... parece também uma rosa. Todo o seu cuidado vai para aquela roseira. Há amor nas suas mãos quando lhe mexe. Sabes para que quer aquelas rosas?

CRAVO

Para se enfeitar com elas, certamente...



ROSA

Para as pôr sôbre uma campã pequenina e querida onde lhe dorme um filhinho. São as rosas d'êle, as rosas do seu amor... Levam-lhe, tôdas as manhãs, o orvalho santo das suas lágrimas de mãe. Ainda dizes que as mulheres são más?

CRAVO

Quem te contou essa história?

ROSA

Uma pétala que o vento trouxe aqui... Uma pétala das suas rosas. Deus me faça saír daqui levada pelas bondosas mãos duma mulher.

CRAVO

Mas as outras, rosa branca!... Sabes lá como são as outras! Eu sei duma por quem um homem se perdeu. Queria-lhe como à luz dos olhos e ela enganou-o, trafu-o, matou-o. Êle mandava-lhe todos os dias um ramo de cravos brancos. O que êles presenciaram... o que êles me contaram, Deus do céu! Que de perfídias, que de maldades!... Um dia êle soube tudo, e louco de dôr matou-se. Tinha sôbre a secretária o costumado ramo para ela. O sangue, salpicou a brancura dos cravos, quási os tornou vermelhos. Levaram-lhos assim mesmo: seria o castigo, o remorso. Sabes o que ela fez?

ROSA

Chorou.

CRAVO

Não. Ouviu tudo serena e disse: Torne a levar essas flores. Êle bem sabia que não gosto de cravos vermelhos. Que dizes agora das mulheres?

ROSA

Se uma amante é má, tôdas as mães são boas. Eu gosto das mulheres, cravo vermelho.

CRAVO

Porque não és homem, Rosa Branca.

ALICE ÔGANDO.



Passatempo



ENTRE AMIGAS DE COLEGIO

— Sabes, Matilde, que vou casar?
— Sim?
— Adivinha o que faz o meu noivo.
— Não tem muito que adivinhar... Faz uma asneira.

斷 斷

POBRE MARIDO!

O Anacleto está aflicto, com as mãos na cabeça.

— O que tens tu? pergunta-lhe um amigo.

— Tenho que não posso aturar a minha mulher. Quando está de mau humor, grita e chora.

— Então! mas ela não há-de estar sempre mal disposta.

— Não, mas quando está de bom humor ainda é pior! Toca piano e canta!

斷 斷

BIS

Tia Judite: — Então a Zulmira cantou bem no concerto do colégio, Antonieta?

Antonieta: — Isso sim! Cantou tão mal que a fizeram voltar ao princípio e repetir tudo outra vez.

斷 斷

PROVA INCONTESTAVEL

O marido: — Mas deves admitir que os homens têm mais discernimento do que as mulheres.

A esposa: — Lá isso têm; a prova é que tu casaste comigo e eu contigo.

ELA POR ELA

O Antonico participou a intenção que tinha de ir, na manhã seguinte, que era feriado, tomar um banho no rio e nadar.

A mãe ficou logo assustada mas, querendo evitar discussões, experimentou um novo método para o dissuadir.

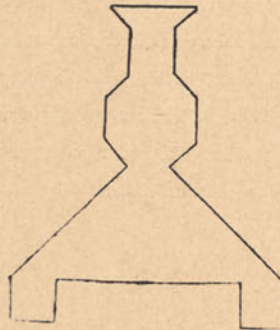
— Muito bem, meu filho — disse ela — A propósito, li hoje no jornal a notícia dum rapazinho que se afogou quando estava tomando banho no rio.

O Antonico sorriu, com ar de superioridade.

— Seria parente — perguntou êle — daquele outro rapazito que morreu atropelado, a semana passada, quando ia no caminho para a escola?

QUEBRA-CABEÇAS

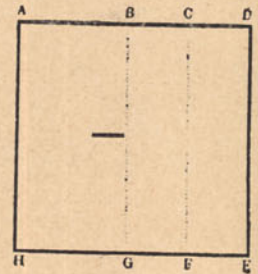
(Problema)



Dividir esta figura em outras nove, das quais oito sejam simétricas, e formar com elas um quadrado.

UMA PENADA DIFÍCIL

(Solução)



No desenho pode vêr-se a solução d'este problema, mais fácil na realidade do que na aparência.

Uma vez cortado a quadrado de papel, dobra-se por BG para cima e por CF para baixo, e graças a estas dobras, um extremo da linha do centro do quadrado fica tocando no centro da linha E D. Então, pega-se na pena, e, depois de seguir o traço do centro, chega-se ao meio da linha D E. Puxando do lado A H, sem levantar a pena, o papel desdobra-se, e a pena, que estará então no meio de D E, não tem mais do que seguir o contorno para resolver o problema.

斷 斷

UMA MALHA A TEMPO

HENRIQUITO (de gatas no chão, à procura de qualquer coisa): — Não posso encontrá-la de maneira nenhuma, Leonor, e ando aqui à procura há mais de cinco minutos.

LEONOR (a irmã mais velha que está fazendo crochê): — De que estás à procura, Henrique?

Henrique: — A malha que tu disseste há bocado que tinhas deixado cair.



Estão mais sete banhistas nesta praia e todos se vêem perfeitamente

A' MULHER EXIGENTE...

ARTE DE A CONTENTAR!

O pó de arroz BENAMOR é, indiscutivelmente, o produto do seu genero que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferencia que lhe dá o publico feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de beleza e sabe inteligentemente escolhê-los.

Pois, para corresponder a tão ostensiva frequencia lançou-se agora no mercado o

NOVO PÓ DE ARROZ BENAMOR

em elegantes caixas dum refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

QUADRADAS A 2\$50; REDONDAS A 6\$00!

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa do «Gato», vai perfumado com a deliciosa essencia

“LA VERBENA” DE NALLY

que só por si lhe dá uma adoravel distincão. Perfume novo numa embalagem linda!

Peça portanto, minha senhora, d'ora ávante, em todos os bons estabelecimentos o

PÓ DE ARROZ BENAMOR — CAIXA LILAZ

sendo bom notar que as antigas caixas com o gato, continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual o seu custo. Apenas difere na elegancia da caixa e no seu novo perfume, duma verdadeira seducção.

PEDIDOS Á SECÇÃO DE PERFUMARIA DA “EVA”

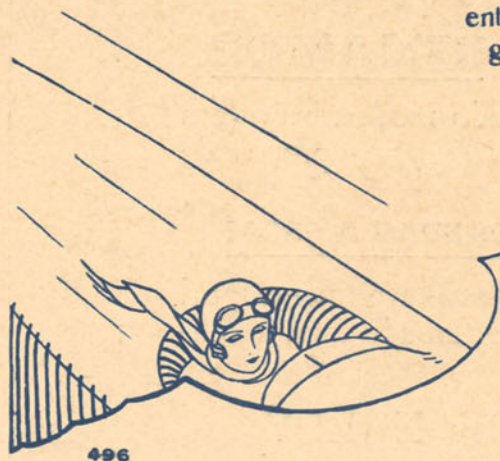
Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

Mais um record com a ajuda do **MOBILLOIL**

A primeira travessia do Mediterraneo de Marselha a Alexandria

Pilotando um monoplano Caudron com motor Salmson, de 40 cavalos, lubrificado com Mobiloil «Aero D» M.^{elle} Léna Bernstein acaba de fazer o percurso Marselha-Alexandria, sobre o mar, durante 20 horas de vôo contínuo, estabelecendo mais um novo record de distancia.

É interessante notar que ainda ha bem pouco tempo, outra aviadora, Madame Maryse Bastié alcançou o record do mundo, em duração de vôo, entre as senhoras, empregando tambem Mobiloil.



Mobiloil

O oleo mundialmente preferido pela sua qualidade.

GARGOYLE MOBILLOIL

Vacuum Oil Company